



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Como os jovens mudam o mundo

Tão diferentes e tão parecidos

Monique Coleman

Revolução em rede

Gigi Ibrahim

A primavera dos indignados

Alfredo Trujillo Fernandez

As armas milagrosas

Serge Amisi

Mais forte que uma bomba

Nate Marshall

Estrelas do luar

Carol Natukunda

A jovem sughar

Noshan Abbas

Rebeldes com causa

Jens Lubbadah

É isto ou nada

Zhao Ying

Arquitetura verde

Carlos Bartesaghi Koc

A revolução: uma proeza da civilização

Khaled Youssef

O Correio

DA UNESCO

Julho-Setembro 2011

ISSN 2179-8818



NOSSOS AUTORES

Ano Internacional da Juventude 2010-2011

“A cinco anos de 2015, data-limite fixada para atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, é mais importante do que nunca encorajar os jovens a dedicarem-se à criação de um mundo mais justo”, escreveu Irina Bokova, diretora-geral da UNESCO, em sua mensagem por ocasião do lançamento do Ano Internacional da Juventude (agosto 2010 – agosto 2011) e do Dia Internacional da Juventude (12 de agosto).

Proclamado pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em dezembro de 2009, o Ano Internacional tem como tema central o diálogo e a compreensão mútua. O seu objetivo é promover os ideais de paz, de respeito aos direitos humanos e de solidariedade entre as gerações, as culturas, as religiões e as civilizações.

Durante o ano, grande número de jovens vem lutando para construir um mundo mais justo, começando pela “Primavera Árabe”. De um lado a outro do mundo, eles têm-se manifestado, exigindo participação no futuro do seu país. O 7º Fórum da Juventude da UNESCO, que acontecerá entre os dias 17 e 20 de outubro, proporcionará aos jovens a oportunidade de falar de suas experiências, de seus projetos e de trocar ideias.

Desde a sua criação, a UNESCO tem enorme interesse nos jovens. Seus programas para a juventude têm por objetivo multiplicar as ocasiões em que são dadas maiores responsabilidades aos jovens e em que é reconhecido o papel que ocupam na sociedade.

De fevereiro de 2010 a fevereiro de 2011, a Organização copresidiu, juntamente com o Programa das Nações Unidas para a Juventude, a Rede Interagencial das Nações Unidas para o Desenvolvimento da Juventude. Como tal, a UNESCO participou da coordenação do Ano Internacional da Juventude.





Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

ANO 64 2011 - n° 3

O *Correio da UNESCO* é atualmente trimestral, publicado em sete línguas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

7, place de Fontenoy 75352, Paris 07 SP, France

Assinatura da versão eletrônica gratuita:

www.unesco.org/new/pt/unesco-courier

Diretor da publicação: Eric Falt

Redatora-chefe: Jasmina Šopova

j.sopova@unesco.org

Secretária de Redação: Katerina Markelova

k.markelova@unesco.org

Redatores:

Árabe: Khaled Abu Hijleh

Chinês: Weiny Cauhape

Espanhol: Francisco Vicente-Sandoval

Françês: Françoise Demir

Inglês: Cathy Nolan

Português: Ana Lúcia Guimarães

Russo: Irina Krívovaa

Estagiária: Vanessa Merlin

Fotos: Danica Bijeljic

Paginação: Baseline Arts Ltd, Oxford

Impressão: UNESCO – CLD

Informações e direitos de reprodução:

+ 33 (0)1 45 68 15 64 · k.markelova@unesco.org

Plataforma web: Chakir Piro e Van Dung Pham

Agradecimentos a: Mila Zourleva

Os artigos podem ser reproduzidos livremente para fins não-comerciais, sob a condição de estarem acompanhados do nome do autor e da menção "Reproduzido do Correio da UNESCO", precisando o número e o ano da edição.

Os artigos exprimem a opinião de seus autores e não necessariamente a da UNESCO.

As fotos que pertencem à UNESCO podem ser reproduzidas com a menção ©UNESCO seguida do nome do fotógrafo.

Para obter as fotos em alta resolução, favor dirigir-se ao Banco de Fotos: photobank@unesco.org.

As fronteiras retratadas nos mapas não implicam reconhecimento oficial pela UNESCO ou pelas Nações Unidas, assim como as denominações de países ou de territórios mencionados.



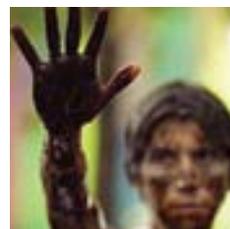
"Mordabella",
técnicas mistas,
2009. Obra
de Ghassan
Halwani, artista
plástico libanês.

© Ghassan Halwani

Correio

DA UNESCO

JULHO-SETEMBRO 2011



Editorial – Irina Bokova, diretora-geral da UNESCO

5

COMO OS JOVENS MUDAM O MUNDO

Os jovens do mundo: tão diferentes e tão parecidos

7

Entrevista com Monique Coleman por Katerina Markelova

Um ato de sobrevivência – Emna Fitouri

9

Revolução em rede – *Entrevista com Gigi Ibrahim por Khaled Abu Hijleh*

11

A primavera dos indignados – Alfredo Trujillo Fernandez

13

Era uma vez a juventude...

15

A juventude tcheca quer falar – Mathieu Ponnard

16

Obami, minha melhor amiga – Barbara Mallinson

18

As armas milagrosas de Serge Amisi

20

Entrevista realizada por Selen Demir

Preso em uma espiral mortal – Mila Zourleva

22

Quando a poesia ressoa mais forte que uma bomba – Nate Marshall

23

Cada um sonha de um jeito diferente, mas...

25

Entrevista com B. Shamieh, M. Twaalfhoven, I. Bratland e M. Shahin feita por I.J. Bührle e K. Abu Hijleh

JR, a arte e o impossível – Jasmina Šopova

30

Patrimônio no Togo – Katerina Markelova

31

As maravilhas da criatividade – Silvia Bellón et Pierre Arlaud

32

O esporte: apenas um ponto de partida

33

Jogos olímpicos da juventude

33

Estrelas do luar – Carol Natukunda

34

A jovem sughar do Baluquistão – Noshan Abbas encontra Khalida Brohi

36

Uma revolução que não diz seu nome – Hiroki Yanagisawa

39

Rebeldes com causa – Jens Lubbadeh

40

É isto ou nada – Zhao Ying

44

A vida de bicicleta – Ruth Pérez López

46

Arquitetura verde – Carlos Bartesaghi Koc

48

NOSSO CONVIDADO

A revolução: uma proeza da civilização

50

Entrevista com Khaled Youssef por Khaled Abu Hijleh

REFERÊNCIAS

A UNESCO recebe

53

Hillary Clinton, Ban Ki-moon, Shashi Tharoor, Forest Whitaker...



Nesta edição

“A gente não é obrigada a querer transformar o planeta, basta querer mudar as coisas que não vão bem, lá onde a gente se encontra”, declara a atriz e cantora norte-americana Monique Coleman, nomeada campeã da juventude das Nações Unidas, por ocasião do Ano Internacional da Juventude 2010–2011 (p. 7-8). É exatamente assim que os jovens fazem para mudar as coisas que não estão bem.

No início de 2011, eles revoltaram-se contra os regimes políticos no poder, primeiro na Tunísia (p. 9-10), depois no Egito (p. 11-12), dando uma boa lição de democracia ao resto do mundo. Com ajuda das redes sociais, o movimento ganhou outros países da região e despertou também países europeus, como a Espanha (p. 13-14). Suas ferramentas, seus lemas, seus objetivos são praticamente os mesmos em toda parte. Eles lutam por trabalho, justiça social, gratuidade da educação e da saúde, liberdade de expressão, mas também, e principalmente, democracia.

As notícias espantosas da Primavera Árabe espalharam-se por todo o planeta, transformando-a em símbolo de revolução pacífica liderada pelos jovens.

Em outras partes do mundo, os jovens mobilizaram-se por outros meios, como os estudantes tchecos que decidiram “intrrometer-se” nos assuntos de seu país (p. 16-17) ou a empresária sul-africana que criou uma rede social destinada às escolas carentes (p. 18-19), sem esquecer aqueles que não perdem a esperança de ganhar a guerra contra o racismo, a xenofobia, as discriminações e os conflitos, com ajuda das “armas miraculosas” da arte (p. 21-30).

Se há um denominador comum a todas essas iniciativas, esse denominador é a solidariedade, ilustrada pelas ações dos jovens voluntários, escoteiros e esportistas (p. 31-33), mas também pelas histórias comoventes das “estrelas” ugandenses (p. 34-35) e de uma jovem paquistanesa (p. 36-38). Quanto à juventude japonesa, que demonstrou grande generosidade por ocasião da catástrofe natural de março

de 2011, ela desencadeou uma mudança radical no sistema de valores baseado no crescimento econômico (p. 39-40).

Enfim, e isso não é de espantar, o futuro do meio ambiente é outro canteiro de obras privilegiado dos jovens. Muito sensíveis à questão do aquecimento climático, as novas gerações entregam-se, às vezes, a verdadeiras batalhas contra diferentes formas de imobilismo ecológico. Da União Europeia à China, passando pelo México e pelo Peru (p. 40-49), milhares de jovens põem suas competências de todos os tipos a serviço de um planeta mais saudável.

Para encerrar esta edição, realizada exclusivamente por jovens autores, convidamos o cineasta egípcio Khaled Youssef a dirigir seu olhar para a Primavera Árabe (p. 50-52). Ele transmite-nos sua visão dos eventos que transformaram seu país, no início do ano de 2011, e das suas consequências sobre o campo das artes e da sociedade, mas também da política internacional. ■

Jasmina Šopova

Editorial

Irina Bokova

Eles são mais de um bilhão, e a maioria deles vive nos países em desenvolvimento. A população mundial com idade entre 15 e 24 anos representa mais de um bilhão de esperanças de um futuro melhor, mais de um bilhão de ideias para mudar o mundo de maneira construtiva, mais de um bilhão de respostas potenciais aos desafios de nosso tempo. Diplomados ou não, livres ou decididos a sê-lo, os jovens reinventam a cultura, apropriam-se dos novos meios de comunicação, renovam a maneira de estar juntos. Entretanto, raros são os que conhecem a despreocupação da juventude. A imensa maioria deve construir sua vida, lutando, no cotidiano, contra os obstáculos da pobreza, do desemprego, da mudança climática, do acesso restrito à educação ou à assistência médica. Como pensar plenamente sobre o futuro, quando se é excluído dos processos de decisão? Cabe a nós ajudá-los, apoiá-los em suas aspirações, pondo à sua disposição os recursos imensos da educação, da ciência, da cultura, da comunicação e da informação.

O sopro histórico da Primavera Árabe mostrou, de maneira poderosa e inesperada, a capacidade da juventude para ampliar o campo do possível. O ano de 2011, proclamado, pelas Nações Unidas, Ano Internacional da Juventude (agosto de 2010 – agosto de 2011), ficará nas memórias, como o ano em que a juventude escolheu retomar a tocha da dignidade humana.

Nossa Organização mobilizou-se imediatamente para acompanhar a transformação dessas sociedades em um

momento crucial de sua história. A UNESCO está presente na Tunísia e no Egito, para formar jornalistas, distribuir material pedagógico, ajudar a fortalecer a liberdade de expressão e a reforma do setor de meios de comunicação, com vistas às próximas eleições. Fui até lá, ao Cairo, para ouvir as necessidades e reforçar a participação da UNESCO em suas áreas de competência. A celebração da Jornada Mundial da Liberdade de Imprensa, no dia 3 de maio, em Túnis, coorganizada pela UNESCO, permitiu a liberdade do discurso e deu oportunidade a um grande debate sobre os temas trazidos pela juventude, como o papel da internet e das redes sociais na luta contra a censura. No mês de junho, a UNESCO foi a primeira a lançar, no Egito, uma série de seminários de discussão livre sobre o compromisso cívico e a democracia.

A cultura é base sobre a qual se deve edificar a nova sociedade democrática. Os jovens egípcios mostraram-se particularmente sensíveis, formando espontaneamente, durante as manifestações, uma corrente humana em torno da Biblioteca de Alexandria para protegê-la dos saqueadores. Essa consciência da juventude, a maturidade coletiva que ela evidenciou a UNESCO quer encorajar e acompanhar a longo prazo, graças à iniciativa *Youth Heritage*, que permite aos herdeiros de um patrimônio excepcional impregnar-se dos valores milenares que ele veicula e servir-se dele como vetor de coesão social e inovação.

No mesmo espírito, lançarei uma importante iniciativa, Patrimônio e Diálogo, por ocasião da

→ Em sua primeira visita oficial à Croácia, nos dias 21 e 22 de maio de 2011, a diretora-geral da UNESCO abriu, em Poreč, o primeiro Fórum da Juventude do Sudeste Europeu sobre o Patrimônio Mundial. Irina Bokova (de casaco branco) marcou, assim, a celebração do Ano Internacional da Juventude 2010–2011.

© UNESCO / Bobir Tukhtabayev



© Jason de Caires Taylor/Greenpeace

↑ *Cena de "Evolução Silenciosa" (Silent Evolution), instalação submarina do artista britânico Jason de Caires Taylor, apresentada por ocasião da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, em Cancun, no México (COP-16), em 2010. Jovens mergulhadores juntam-se às estátuas imersas, para chamar a atenção sobre uma das ameaças da mudança climática: a elevação do nível do mar.*

próxima Conferência dos Chefes de Estado do Sudeste Europeu, em Belgrado, em setembro de 2011. A capital sérvia foi o teatro de uma revolução decisiva para o estabelecimento da democracia na região, liderada pelos jovens sérvios do movimento *Otpor* (Resistência), e que provocou a queda do regime do presidente Slobodan Milošević. Mais de 10 anos depois desse evento, enquanto a região continua a avançar no caminho da reconciliação e da democracia, a UNESCO quer dar aos jovens os meios para suas aspirações e mobiliza todas as forças da cultura para ajudá-los a dar forma a seus projetos, a serviço do diálogo e do respeito mútuo. Esse é o principal objetivo de nosso programa de educação dos jovens para o patrimônio mundial.

A UNESCO foi a primeira agência da ONU a definir e a desenvolver programas voltados especificamente para os jovens. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, a UNESCO já estava envolvida na organização de campos internacionais de jovens voluntários, para ajudar na reconstrução da Europa. Hoje, é garantindo a qualidade da educação para todos, melhorando a proteção dos alunos e das escolas nas zonas de conflitos e reforçando os meios da formação profissional que criaremos condições para um futuro melhor. É também para esse objetivo que a UNESCO ajuda a tecer os laços entre as diferentes juventudes do mundo, em torno dos valores compartilhados dos direitos humanos. É nesse sentido que nossa organização acaba de produzir um curta-metragem realizado com alunos de escolas associadas da UNESCO na Albânia, no Azerbaijão, no Brasil, em Burkina Faso, no Canadá, na França, na Indonésia, no Líbano, em Uganda e na República Dominicana. As imagens desses estudantes que se expressam livremente sobre a igualdade entre os sexos, a diversidade, a violência, a exclusão constituem material pedagógico insubstituível à disposição das escolas secundárias no mundo inteiro.

Por toda parte, a juventude é força do progresso. Vamos dar-lhe os meios para ser ouvida, para participar plenamente da vida política e social, para despertar as consciências e para reabrir os horizontes obstruídos. Esse é o objetivo da UNESCO com seu Programa para a Juventude, que apoia o compromisso cidadão e a inovação social.

Uma comissão dedicada à juventude está encarregada de fomentar a cooperação entre a UNESCO e as ONGs. Essa comissão, composta por jovens, está envolvida na preparação dos Fóruns da Juventude da UNESCO, encontros internacionais realizados de dois em dois anos que, desde 1999, possibilitam submeter às autoridades nacionais as recomendações, as ideias da juventude, e garantir seu acompanhamento, em cooperação com os

governos, a sociedade civil e o Sistema das Nações Unidas. Este ano, acontecerá o 7º Fórum da Juventude da UNESCO, entre os dias 17 e 20 de outubro. Será uma ocasião formidável para dar a palavra aos jovens do mundo inteiro e escutar suas necessidades e seus pontos de vista.

Os jovens representantes dos 193 Estados-membros da UNESCO e da sociedade civil irão debater a maneira como a juventude conduz a mudança. A cultura da paz, a boa governança e as oportunidades econômicas serão examinadas, sob o prisma da participação dos jovens. Ali, serão também minuciosamente analisadas as realizações e as lições extraídas do Ano Internacional da Juventude e, em especial, os resultados da Reunião de Alto Nível sobre a Juventude, organizada pela ONU, em julho de 2011.

E, para que os jovens possam ter uma noção prévia desse encontro, a UNESCO lançou, a partir do mês de julho, uma grande campanha *on-line*, para coletar suas opiniões e permitir-lhes propor temas que julgam especialmente importantes. Os resultados dessas discussões enriquecerão os debates do mês de outubro.

A UNESCO sempre considerou os jovens como os parceiros essenciais na criação de um mundo mais justo. O apelo da juventude é sempre um apelo à inovação, à invenção. A cada dia, chegam a nós novos exemplos desse impulso positivo. Desejo que este "Correio da UNESCO" dê a todos a inspiração e a vontade de agir. Boa leitura! ■

"A energia própria da juventude pode reacender uma economia que hesita. Cada vez que eu viajo pelo mundo, eu fico impressionado com a boa vontade, o talento e o idealismo dos jovens."

Ban Ki-moon,
secretário-geral
da ONU

↓ Grafite representando o punho emblemático do movimento dos jovens sérvios *Otpor* (Resistência), que provocou a queda do regime do presidente Slobodan Milošević, em 2000. Esse símbolo foi retomado pela juventude egípcia revolucionária. A foto foi tirada no dia 8 de abril de 2011, na rua Mohammed Mahmoud, que leva à praça Tahrir, local principal do levante de janeiro de 2011.



© Maggie Osama

Os jovens do mundo são tão diferentes e tão parecidos

MONIQUE COLEMAN responde às perguntas de Katerina Markelova

↓ Abril 2011: um momento de descontração durante a viagem de Monique Coleman à Índia. Galeria de fotos do programa de entrevistas "Gimme MO".



Campeã da Juventude das Nações Unidas, a atriz e cantora norte-americana Monique Coleman, 31 anos, é encarregada de sensibilizar o público sobre o diálogo e a compreensão mútua, que são os temas principais do Ano Internacional da Juventude (agosto 2010-agosto 2011). E ela pretende ir muito além de declarações, para realmente dar a palavra aos jovens e permitir que eles expressem suas ideias e opiniões.

Você foi ganhadora do título de Campeã da Juventude em novembro de 2010. Três meses depois, você iniciou uma viagem pelo mundo. Qual é o seu objetivo?

A viagem tem objetivos tanto pessoais quanto relacionados ao Ano Internacional da Juventude. Chega um momento na vida em que temos de sair do casulo, abandonar o ambiente familiar, para ver coisas novas pelo olhar dos outros. Nos Estados Unidos, eu tenho a impressão de ter uma visão estreita do resto do mundo. Como Campeã da Juventude e como ser humano, eu nunca poderia falar da pobreza se nunca a tivesse visto com meus próprios olhos, nem falar da inacreditável criatividade dos jovens se não tivesse me encontrado com eles.

"Não somos obrigados a querer transformar o planeta, basta querer mudar as coisas erradas onde estivermos."

Ano Internacional da Juventude 2010-2011:
<http://www.un.org/fr/events/youth2010>

© Gimmemotak

Os jovens ocuparam lugar de destaque nas revoltas árabes. Isso mudou a sua visão sobre a sua missão?

A primeira etapa da minha viagem deveria me levar à Tunísia, mas foi exatamente no dia em que eu deveria partir que os tumultos começaram e, por motivos de segurança, nós mudamos o itinerário. Uma das missões dessa viagem é a de tentar fazer que os problemas dos jovens sejam abordados antes que de se tornarem mais graves e provocarem levantes.

Os jovens não se revoltam não apenas porque suas vidas têm sido só sofrimento, mas também porque as vidas de seus pais e de suas famílias têm sido só sofrimento, guerras e privações. Eles não são destruidores. Não podemos culpá-los por agir como agem, mas eles devem entender que a luta pacífica é o melhor meio para alcançar seus objetivos. Eu tenho três modelos dos quais falo o tempo todo: Martin Luther King, Gandhi e Nelson Mandela.

Em fevereiro passado, eu estava nas Filipinas no dia da comemoração do 25º aniversário da revolução pacífica que derrubou o regime que estava no poder [a ditadura de Ferdinand Marcos]. Homens, mulheres – mesmo as grávidas –, crianças... todos se levantaram por um mesmo objetivo. E não houve vítimas. É esse tipo de revolução que eu gostaria de incentivar.

No seu programa de entrevistas on-line Gimme MO, você destaca o grande poder de expressão que a internet oferece aos jovens.

Gimme MO é realmente uma programa destinado aos jovens, em que eles podem trocar ideias sobre coisas que costumam ser ignoradas ou que são tratadas de um modo diferente. Eu também entrevisto celebridades, cientistas, pessoas que conheci... O objetivo principal desse programa é mostrar aos jovens que as pessoas que eles admiram não são, no fundo, tão diferentes deles. Outra meta é combater os estereótipos, os preconceitos. Na Austrália, eu entrevistei uma jovem refugiada muçulmana que mora em um conjunto habitacional de Melbourne. Ela tem 21 anos, usa o véu e rejeita totalmente o clichê segundo o qual as mulheres

muçulmanas são oprimidas e não têm direito de expressar sua opinião.

Sobre os jovens que você encontra durante a sua viagem: eles são iguais em qualquer lugar ou existem diferenças de um país para o outro?

Na verdade, os jovens são muito parecidos entre si (risos)! A verdadeira diferença é que nos países em desenvolvimento os jovens são muito sensíveis aos problemas mundiais. Não pode ser de outra forma, pois eles são confrontados diretamente, eles saem de casa para ir à escola. Já nos países desenvolvidos, eles em geral têm menos consciência do que se passa em outros lugares do mundo. Eles são mais

obcecados por suas histórias pessoais.

Quais são as perguntas mais difíceis feitas pelos jovens?

Em um país como a Austrália, o que mais importa para os jovens é a autoestima, aprender a se aceitar. O grande problema desse país é a taxa de suicídio entre os jovens.

Porém, em um país como o Bangladesh, de certa forma é o contrário! Eu me lembro do que um estudante me disse: "Como você quer abrir os olhos das pessoas nos países desenvolvidos? Eles querem acabar com suas vidas, enquanto aqui nós lutamos para sobreviver". Isso diz tudo.

O que não muda de um país para outro é que cada jovem procura encontrar o seu lugar no mundo. Eu

faço o meu melhor para explicar a eles que as possibilidades são ilimitadas e para convencê-los do valor e do potencial que eles têm, seja qual for sua classe social ou sua religião, sejam eles privilegiados ou desfavorecidos. Todos nós temos obstáculos para superar e devemos superá-los sozinhos, ainda que nos ajudando mutuamente.

Não somos obrigados a querer transformar o planeta, querer mudar as coisas erradas onde estivermos é suficiente. Porque se cada um busca soluções para os problemas mais próximos, juntos, todos acabaremos por mudar o mundo inteiro.

Quando o Ano Internacional terminar, você vai continuar apoiando os jovens pelo mundo?

Com certeza, o que estou fazendo agora é só o começo! Eu pretendo me dedicar ainda mais ao programa Gimme MO, para que ele se torne uma plataforma na televisão e um site interativo equipado com todas as novas

tecnologias. Na minha carreira de atriz, pretendo usar o espetáculo, que é um ótimo meio para divulgar mensagens. Quando pergunto às pessoas por que elas se engajaram, por que participam de uma organização ou se interessam tanto por uma causa, muitas vezes elas mencionam um livro, uma música ou um filme! Por isso, eu gostaria de continuar usando a arte para criar novas fontes de inspiração. ■



↑ Pôster de "Gimme MO", plataforma criada por Monique Coleman para os jovens.

"Os jovens se revoltam não apenas porque suas vidas têm sido só sofrimento, mas também porque as vidas de seus pais e de suas famílias têm sido só sofrimento, guerras, privações..."



← Cena da revolução tunisiana, em Túnis, final de janeiro de 2011.

Para a estudante Emna Fitouri, o levante da juventude tunisiana em janeiro de 2011 representa mais do que uma revolução: era uma questão de vida ou morte para uma juventude à beira da asfixia. Neste relato, Emna define o papel desempenhado pela internet no movimento, evoca algumas das razões profundas da revolta e narra sua travessia pelo inferno.

EMNA FITOURI

Um ato de sobrevivência

No dia 10 de janeiro de 2011, fiquei sabendo pelo *Facebook* que o povo estava se preparando para se manifestar em Túnis. Eu e meus colegas de turma marcamos um encontro no dia 14 de janeiro, na frente do Ministério do Interior. Fizemos manifestações durante três dias, na Avenida Habib Bourguiba e na Praça da Kasbah, no centro da cidade. Nós nos organizamos pelo *Facebook*, como a maioria dos jovens tunisianos. Isso fez com que muitos jornalistas dissessem que nossa revolução era uma “revolução *Facebook*”. Essa é, no meu ponto de vista, uma definição redutora, pois a realidade é muito mais complexa. Na verdade, as redes sociais foram apenas uma ferramenta que os jovens utilizaram para se mobilizar, para iniciar o processo de transformação da sociedade, para combater o desemprego

e outras formas de humilhação, para reivindicar o respeito pela dignidade e pelos direitos humanos.

Por outro lado, também não se pode minimizar o papel da internet, que se revelou um instrumento importante da democratização nos países árabes e que possibilita a reflexão sobre a diversidade de suas situações políticas e culturais. Além disso, é uma arma poderosa contra a censura. Ninguém mais poderá dizer: “Eu sou o único. Eu domino a cena”. A internet vai impedir isso, abrindo espaço para debates construtivos e também nos ensinará o quê esse debate significa.

A penúltima revolução na Tunísia deu origem a uma “ditadura revolucionária”, cujos resultados são conhecidos por todos hoje em dia. Desta vez, nós participamos de uma

“revolução civilizada”, uma revolução sem violência, destinada a desembocar em uma democracia.

Uma ressalva: a imprensa e os analistas insistem muito no caráter “pacífico” dessa revolução porque os jovens saíram desarmados para as ruas. Mas esse termo deve ser tratado com cuidado. Pacífico para quem? Para as pessoas que passaram vários dias com medo, ouvindo os tiros? Para os soldados e os policiais, divididos entre seus deveres e suas convicções pessoais? Para os jovens manifestantes que nunca tinham visto tanto sangue? O inferno que nós atravessamos talvez não tenha sido tão sangrento quanto o dos nossos irmãos líbios, iemenitas ou sírios, mas nós vivemos momentos terríveis.

Vi gente morte, fiquei paralisada de medo, desmaiei sob o efeito do

gás lacrimogêneo... Na Kasbah de Túnis, chegavam centenas e centenas de pessoas de Sidi Bouzid – a cidade onde Mohamed Bouazizi se imolou com fogo no dia 4 de janeiro, dando início à revolução – para se unir aos manifestantes da capital. Alguns vinham com suas mulheres e seus filhos. Eles tinham frio e fome, alguns até mesmo estavam doentes. Com os escoteiros, levamos comida e cobertores para eles. Eu ajudei o responsável do serviço médico dos escoteiros.

E, acima de tudo, eu gritei. Dia após dia. Eu gritei “FORA!” com todas as minhas forças, até a saída de Ben Ali. Eu queria acabar com um regime no qual os jovens tinham se tornado as vítimas mais frágeis.

Ao invés de sermos o motor da economia nacional, éramos o seu bode expiatório. O que explica o fato de que nós, os jovens, tenhamos sido os primeiros a nos revoltar. Nós estávamos presos em uma verdadeira armadilha: por um lado, recebíamos uma educação que é considerada uma das melhores do continente africano, mas que, na realidade, não

é adaptada às necessidades de um mercado de trabalho em constante evolução. Por outro lado, o regime não possibilitava conseguir um emprego e mantê-lo, pois na Tunísia não existe a formação continuada, que permite aos empregados atualizarem seus conhecimentos profissionais. No setor de informática, por exemplo, quando as tecnologias evoluem, as empresas simplesmente substituem os engenheiros e os técnicos! Para os jovens diplomados, a precariedade do emprego é um peso tão grande quanto a impossibilidade de encontrar um trabalho. Eu me pergunto se existe no país inteiro uma só família que não tenha pelo menos um jovem diplomado sem trabalho.

Resumindo, um sistema educacional instável e uma política econômica extremamente cínica fizeram de nós uma juventude desencantada, explorada e asfíxiada. Nossas primeiras revoltas foram atos de sobrevivência. Nossas mobilizações futuras serão parte de uma linha de ação para a construção de um novo país.

Emna Fitouri, tunisiana de 21 anos, está no segundo ano do curso de francês no Instituto Preparatório de Estudos Literários e Ciências Humanas de Túnis. Ela também coordena um grupo de escoteiros em Hammam Lif, na periferia ao sul de Túnis.



© Monia Agrebi

© Hamîeddecine Bouali / all

↓ Vox populi, Túnis, 27 de janeiro de 2011.





Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Como os jovens mudam o mundo

Tão diferentes e tão parecidos

Monique Coleman

Revolução em rede

Gigi Ibrahim

A primavera dos indignados

Alfredo Trujillo Fernandez

As armas milagrosas

Serge Amisi

Mais forte que uma bomba

Nate Marshall

Estrelas do luar

Carol Natukunda

A jovem sughar

Noshan Abbas

Rebeldes com causa

Jens Lubbadah

É isto ou nada

Zhao Ying

Arquitetura verde

Carlos Bartesaghi Koc

A revolução: uma proeza da civilização

Khaled Youssef

O Correio

DA UNESCO

Julho-Setembro 2011

ISSN 2179-8818



NOSSOS AUTORES

Ano Internacional da Juventude 2010-2011

“A cinco anos de 2015, data-limite fixada para atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, é mais importante do que nunca encorajar os jovens a dedicarem-se à criação de um mundo mais justo”, escreveu Irina Bokova, diretora-geral da UNESCO, em sua mensagem por ocasião do lançamento do Ano Internacional da Juventude (agosto 2010 – agosto 2011) e do Dia Internacional da Juventude (12 de agosto).

Proclamado pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em dezembro de 2009, o Ano Internacional tem como tema central o diálogo e a compreensão mútua. O seu objetivo é promover os ideais de paz, de respeito aos direitos humanos e de solidariedade entre as gerações, as culturas, as religiões e as civilizações.

Durante o ano, grande número de jovens vem lutando para construir um mundo mais justo, começando pela “Primavera Árabe”. De um lado a outro do mundo, eles têm-se manifestado, exigindo participação no futuro do seu país. O 7º Fórum da Juventude da UNESCO, que acontecerá entre os dias 17 e 20 de outubro, proporcionará aos jovens a oportunidade de falar de suas experiências, de seus projetos e de trocar ideias.

Desde a sua criação, a UNESCO tem enorme interesse nos jovens. Seus programas para a juventude têm por objetivo multiplicar as ocasiões em que são dadas maiores responsabilidades aos jovens e em que é reconhecido o papel que ocupam na sociedade.

De fevereiro de 2010 a fevereiro de 2011, a Organização copresidiu, juntamente com o Programa das Nações Unidas para a Juventude, a Rede Interagencial das Nações Unidas para o Desenvolvimento da Juventude. Como tal, a UNESCO participou da coordenação do Ano Internacional da Juventude.





Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Correio

DA UNESCO

JULHO-SETEMBRO 2011

ANO 64 2011 - n° 3

O *Correio da UNESCO* é atualmente trimestral, publicado em sete línguas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

7, place de Fontenoy 75352, Paris 07 SP, France

Assinatura da versão eletrônica gratuita:

www.unesco.org/new/pt/unesco-courier

Diretor da publicação: Eric Falt

Redatora- chefe: Jasmina Šopova

j.sopova@unesco.org

Secretária de Redação: Katerina Markelova

k.markelova@unesco.org

Redatores:

Árabe: Khaled Abu Hijleh

Chinês: Weiny Cauhape

Espanhol: Francisco Vicente-Sandoval

Francês: Françoise Demir

Inglês: Cathy Nolan

Português: Ana Lúcia Guimarães

Russo: Irina Krívovaa

Estagiária: Vanessa Merlin

Fotos: Danica Bijeljic

Paginação: Baseline Arts Ltd, Oxford

Impressão: UNESCO – CLD

Informações e direitos de reprodução:

+ 33 (0)1 45 68 15 64 · k.markelova@unesco.org

Plataforma web: Chakir Piro e Van Dung Pham

Agradecimentos a: Mila Zourleva

Os artigos podem ser reproduzidos livremente para fins não-comerciais, sob a condição de estarem acompanhados do nome do autor e da menção "Reproduzido do Correio da UNESCO", precisando o número e o ano da edição.

Os artigos exprimem a opinião de seus autores e não necessariamente a da UNESCO.

As fotos que pertencem à UNESCO podem ser reproduzidas com a menção ©UNESCO seguida do nome do fotógrafo.

Para obter as fotos em alta resolução, favor dirigir-se ao Banco de Fotos: photobank@unesco.org.

As fronteiras retratadas nos mapas não implicam reconhecimento oficial pela UNESCO ou pelas Nações Unidas, assim como as denominações de países ou de territórios mencionados.



"Mordabella",
técnicas mistas,
2009. Obra
de Ghassan
Halwani, artista
plástico libanês.



Editorial – Irina Bokova, diretora-geral da UNESCO

5

COMO OS JOVENS MUDAM O MUNDO

Os jovens do mundo: tão diferentes e tão parecidos

7

Entrevista com Monique Coleman por Katerina Markelova

Um ato de sobrevivência – Emna Fitouri

9

Revolução em rede – *Entrevista com Gigi Ibrahim por Khaled Abu Hijleh*

11

A primavera dos indignados – Alfredo Trujillo Fernandez

13

Era uma vez a juventude...

15

A juventude tcheca quer falar – Mathieu Ponnard

16

Obami, minha melhor amiga – Barbara Mallinson

18

As armas milagrosas de Serge Amisi

20

Entrevista realizada por Selen Demir

Preso em uma espiral mortal – Mila Zourleva

22

Quando a poesia ressoa mais forte que uma bomba – Nate Marshall

23

Cada um sonha de um jeito diferente, mas...

25

Entrevista com B. Shamieh, M. Twaalfhoven, I. Bratland e M. Shahin feita por I.J. Bührle e K. Abu Hijleh

JR, a arte e o impossível – Jasmina Šopova

30

Patrimônio no Togo – Katerina Markelova

31

As maravilhas da criatividade – Silvia Bellón et Pierre Arlaud

32

O esporte: apenas um ponto de partida

33

Jogos olímpicos da juventude

33

Estrelas do luar – Carol Natukunda

34

A jovem sughar do Baluquistão – Noshan Abbas encontra Khalida Brohi

36

Uma revolução que não diz seu nome – Hiroki Yanagisawa

39

Rebeldes com causa – Jens Lubbadeh

40

É isto ou nada – Zhao Ying

44

A vida de bicicleta – Ruth Pérez López

46

Arquitetura verde – Carlos Bartesaghi Koc

48

NOSSO CONVIDADO

A revolução: uma proeza da civilização

50

Entrevista com Khaled Youssef por Khaled Abu Hijleh

REFERÊNCIAS

A UNESCO recebe

53

Hillary Clinton, Ban Ki-moon, Shashi Tharoor, Forest Whitaker...



Nesta edição

“A gente não é obrigada a querer transformar o planeta, basta querer mudar as coisas que não vão bem, lá onde a gente se encontra”, declara a atriz e cantora norte-americana Monique Coleman, nomeada campeã da juventude das Nações Unidas, por ocasião do Ano Internacional da Juventude 2010–2011 (p. 7-8). É exatamente assim que os jovens fazem para mudar as coisas que não estão bem.

No início de 2011, eles revoltaram-se contra os regimes políticos no poder, primeiro na Tunísia (p. 9-10), depois no Egito (p. 11-12), dando uma boa lição de democracia ao resto do mundo. Com ajuda das redes sociais, o movimento ganhou outros países da região e despertou também países europeus, como a Espanha (p. 13-14). Suas ferramentas, seus lemas, seus objetivos são praticamente os mesmos em toda parte. Eles lutam por trabalho, justiça social, gratuidade da educação e da saúde, liberdade de expressão, mas também, e principalmente, democracia.

As notícias espantosas da Primavera Árabe espalharam-se por todo o planeta, transformando-a em símbolo de revolução pacífica liderada pelos jovens.

Em outras partes do mundo, os jovens mobilizaram-se por outros meios, como os estudantes tchecos que decidiram “intrrometer-se” nos assuntos de seu país (p. 16-17) ou a empresária sul-africana que criou uma rede social destinada às escolas carentes (p. 18-19), sem esquecer aqueles que não perdem a esperança de ganhar a guerra contra o racismo, a xenofobia, as discriminações e os conflitos, com ajuda das “armas miraculosas” da arte (p. 21-30).

Se há um denominador comum a todas essas iniciativas, esse denominador é a solidariedade, ilustrada pelas ações dos jovens voluntários, escoteiros e esportistas (p. 31-33), mas também pelas histórias comoventes das “estrelas” ugandenses (p. 34-35) e de uma jovem paquistanesa (p. 36-38). Quanto à juventude japonesa, que demonstrou grande generosidade por ocasião da catástrofe natural de março

de 2011, ela desencadeou uma mudança radical no sistema de valores baseado no crescimento econômico (p. 39-40).

Enfim, e isso não é de espantar, o futuro do meio ambiente é outro canteiro de obras privilegiado dos jovens. Muito sensíveis à questão do aquecimento climático, as novas gerações entregam-se, às vezes, a verdadeiras batalhas contra diferentes formas de imobilismo ecológico. Da União Europeia à China, passando pelo México e pelo Peru (p. 40-49), milhares de jovens põem suas competências de todos os tipos a serviço de um planeta mais saudável.

Para encerrar esta edição, realizada exclusivamente por jovens autores, convidamos o cineasta egípcio Khaled Youssef a dirigir seu olhar para a Primavera Árabe (p. 50-52). Ele transmite-nos sua visão dos eventos que transformaram seu país, no início do ano de 2011, e das suas consequências sobre o campo das artes e da sociedade, mas também da política internacional. ■

Jasmina Šopova

Editorial

Irina Bokova

Eles são mais de um bilhão, e a maioria deles vive nos países em desenvolvimento. A população mundial com idade entre 15 e 24 anos representa mais de um bilhão de esperanças de um futuro melhor, mais de um bilhão de ideias para mudar o mundo de maneira construtiva, mais de um bilhão de respostas potenciais aos desafios de nosso tempo. Diplomados ou não, livres ou decididos a sê-lo, os jovens reinventam a cultura, apropriam-se dos novos meios de comunicação, renovam a maneira de estar juntos. Entretanto, raros são os que conhecem a despreocupação da juventude. A imensa maioria deve construir sua vida, lutando, no cotidiano, contra os obstáculos da pobreza, do desemprego, da mudança climática, do acesso restrito à educação ou à assistência médica. Como pensar plenamente sobre o futuro, quando se é excluído dos processos de decisão? Cabe a nós ajudá-los, apoiá-los em suas aspirações, pondo à sua disposição os recursos imensos da educação, da ciência, da cultura, da comunicação e da informação.

O sopro histórico da Primavera Árabe mostrou, de maneira poderosa e inesperada, a capacidade da juventude para ampliar o campo do possível. O ano de 2011, proclamado, pelas Nações Unidas, Ano Internacional da Juventude (agosto de 2010 – agosto de 2011), ficará nas memórias, como o ano em que a juventude escolheu retomar a tocha da dignidade humana.

Nossa Organização mobilizou-se imediatamente para acompanhar a transformação dessas sociedades em um

momento crucial de sua história. A UNESCO está presente na Tunísia e no Egito, para formar jornalistas, distribuir material pedagógico, ajudar a fortalecer a liberdade de expressão e a reforma do setor de meios de comunicação, com vistas às próximas eleições. Fui até lá, ao Cairo, para ouvir as necessidades e reforçar a participação da UNESCO em suas áreas de competência. A celebração da Jornada Mundial da Liberdade de Imprensa, no dia 3 de maio, em Túnis, coorganizada pela UNESCO, permitiu a liberdade do discurso e deu oportunidade a um grande debate sobre os temas trazidos pela juventude, como o papel da internet e das redes sociais na luta contra a censura. No mês de junho, a UNESCO foi a primeira a lançar, no Egito, uma série de seminários de discussão livre sobre o compromisso cívico e a democracia.

A cultura é base sobre a qual se deve edificar a nova sociedade democrática. Os jovens egípcios mostraram-se particularmente sensíveis, formando espontaneamente, durante as manifestações, uma corrente humana em torno da Biblioteca de Alexandria para protegê-la dos saqueadores. Essa consciência da juventude, a maturidade coletiva que ela evidenciou a UNESCO quer encorajar e acompanhar a longo prazo, graças à iniciativa *Youth Heritage*, que permite aos herdeiros de um patrimônio excepcional impregnar-se dos valores milenares que ele veicula e servir-se dele como vetor de coesão social e inovação.

No mesmo espírito, lançarei uma importante iniciativa, Patrimônio e Diálogo, por ocasião da



© Jason de Caires Taylor/Greenpeace

↑ *Cena de "Evolução Silenciosa" (Silent Evolution), instalação submarina do artista britânico Jason de Caires Taylor, apresentada por ocasião da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, em Cancun, no México (COP-16), em 2010. Jovens mergulhadores juntam-se às estátuas imersas, para chamar a atenção sobre uma das ameaças da mudança climática: a elevação do nível do mar.*

→ *Em sua primeira visita oficial à Croácia, nos dias 21 e 22 de maio de 2011, a diretora-geral da UNESCO abriu, em Poreč, o primeiro Fórum da Juventude do Sudeste Europeu sobre o Patrimônio Mundial. Irina Bokova (de casaco branco) marcou, assim, a celebração do Ano Internacional da Juventude 2010–2011.*

© UNESCO / Bobir Tukhtabayev



próxima Conferência dos Chefes de Estado do Sudeste Europeu, em Belgrado, em setembro de 2011. A capital sérvia foi o teatro de uma revolução decisiva para o estabelecimento da democracia na região, liderada pelos jovens sérvios do movimento *Otpor* (Resistência), e que provocou a queda do regime do presidente Slobodan Milošević. Mais de 10 anos depois desse evento, enquanto a região continua a avançar no caminho da reconciliação e da democracia, a UNESCO quer dar aos jovens os meios para suas aspirações e mobiliza todas as forças da cultura para ajudá-los a dar forma a seus projetos, a serviço do diálogo e do respeito mútuo. Esse é o principal objetivo de nosso programa de educação dos jovens para o patrimônio mundial.

A UNESCO foi a primeira agência da ONU a definir e a desenvolver programas voltados especificamente para os jovens. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, a UNESCO já estava envolvida na organização de campos internacionais de jovens voluntários, para ajudar na reconstrução da Europa. Hoje, é garantindo a qualidade da educação para todos, melhorando a proteção dos alunos e das escolas nas zonas de conflitos e reforçando os meios da formação profissional que criaremos condições para um futuro melhor. É também para esse objetivo que a UNESCO ajuda a tecer os laços entre as diferentes juventudes do mundo, em torno dos valores compartilhados dos direitos humanos. É nesse sentido que nossa organização acaba de produzir um curta-metragem realizado com alunos de escolas associadas da UNESCO na Albânia, no Azerbaijão, no Brasil, em Burkina Faso, no Canadá, na França, na Indonésia, no Líbano, em Uganda e na República Dominicana. As imagens desses estudantes que se expressam livremente sobre a igualdade entre os sexos, a diversidade, a violência, a exclusão constituem material pedagógico insubstituível à disposição das escolas secundárias no mundo inteiro.

Por toda parte, a juventude é força do progresso. Vamos dar-lhe os meios para ser ouvida, para participar plenamente da vida política e social, para despertar as consciências e para reabrir os horizontes obstruídos. Esse é o objetivo da UNESCO com seu Programa para a Juventude, que apoia o compromisso cidadão e a inovação social.

Uma comissão dedicada à juventude está encarregada de fomentar a cooperação entre a UNESCO e as ONGs. Essa comissão, composta por jovens, está envolvida na preparação dos Fóruns da Juventude da UNESCO, encontros internacionais realizados de dois em dois anos que, desde 1999, possibilitam submeter às autoridades nacionais as recomendações, as ideias da juventude, e garantir seu acompanhamento, em cooperação com os

governos, a sociedade civil e o Sistema das Nações Unidas. Este ano, acontecerá o 7º Fórum da Juventude da UNESCO, entre os dias 17 e 20 de outubro. Será uma ocasião formidável para dar a palavra aos jovens do mundo inteiro e escutar suas necessidades e seus pontos de vista.

Os jovens representantes dos 193 Estados-membros da UNESCO e da sociedade civil irão debater a maneira como a juventude conduz a mudança. A cultura da paz, a boa governança e as oportunidades econômicas serão examinadas, sob o prisma da participação dos jovens. Ali, serão também minuciosamente analisadas as realizações e as lições extraídas do Ano Internacional da Juventude e, em especial, os resultados da Reunião de Alto Nível sobre a Juventude, organizada pela ONU, em julho de 2011.

E, para que os jovens possam ter uma noção prévia desse encontro, a UNESCO lançou, a partir do mês de julho, uma grande campanha *on-line*, para coletar suas opiniões e permitir-lhes propor temas que julgam especialmente importantes. Os resultados dessas discussões enriquecerão os debates do mês de outubro.

A UNESCO sempre considerou os jovens como os parceiros essenciais na criação de um mundo mais justo. O apelo da juventude é sempre um apelo à inovação, à invenção. A cada dia, chegam a nós novos exemplos desse impulso positivo. Desejo que este "Correio da UNESCO" dê a todos a inspiração e a vontade de agir. Boa leitura! ■

"A energia própria da juventude pode reacender uma economia que hesita. Cada vez que eu viajo pelo mundo, eu fico impressionado com a boa vontade, o talento e o idealismo dos jovens."

Ban Ki-moon,
secretário-geral
da ONU

↓ Grafite representando o punho emblemático do movimento dos jovens sérvios *Otpor* (Resistência), que provocou a queda do regime do presidente Slobodan Milošević, em 2000. Esse símbolo foi retomado pela juventude egípcia revolucionária. A foto foi tirada no dia 8 de abril de 2011, na rua Mohammed Mahmoud, que leva à praça Tahrir, local principal do levante de janeiro de 2011.



© Maggie Osama

Os jovens do mundo são tão diferentes e tão parecidos

MONIQUE COLEMAN responde às perguntas de Katerina Markelova

↓ Abril 2011: um momento de descontração durante a viagem de Monique Coleman à Índia. Galeria de fotos do programa de entrevistas "Gimme MO".



Campeã da Juventude das Nações Unidas, a atriz e cantora norte-americana Monique Coleman, 31 anos, é encarregada de sensibilizar o público sobre o diálogo e a compreensão mútua, que são os temas principais do Ano Internacional da Juventude (agosto 2010-agosto 2011). E ela pretende ir muito além de declarações, para realmente dar a palavra aos jovens e permitir que eles expressem suas ideias e opiniões.

Você foi ganhadora do título de Campeã da Juventude em novembro de 2010. Três meses depois, você iniciou uma viagem pelo mundo. Qual é o seu objetivo?

A viagem tem objetivos tanto pessoais quanto relacionados ao Ano Internacional da Juventude. Chega um momento na vida em que temos de sair do casulo, abandonar o ambiente familiar, para ver coisas novas pelo olhar dos outros. Nos Estados Unidos, eu tenho a impressão de ter uma visão estreita do resto do mundo. Como Campeã da Juventude e como ser humano, eu nunca poderia falar da pobreza se nunca a tivesse visto com meus próprios olhos, nem falar da inacreditável criatividade dos jovens se não tivesse me encontrado com eles.

"Não somos obrigados a querer transformar o planeta, basta querer mudar as coisas erradas onde estivermos."

Ano Internacional da Juventude 2010-2011:
<http://www.un.org/fr/events/youth2010>

© Gimmemotak

Os jovens ocuparam lugar de destaque nas revoltas árabes. Isso mudou a sua visão sobre a sua missão?

A primeira etapa da minha viagem deveria me levar à Tunísia, mas foi exatamente no dia em que eu deveria partir que os tumultos começaram e, por motivos de segurança, nós mudamos o itinerário. Uma das missões dessa viagem é a de tentar fazer que os problemas dos jovens sejam abordados antes que de se tornarem mais graves e provocarem levantes.

Os jovens não se revoltam não apenas porque suas vidas têm sido só sofrimento, mas também porque as vidas de seus pais e de suas famílias têm sido só sofrimento, guerras e privações. Eles não são destruidores. Não podemos culpá-los por agir como agem, mas eles devem entender que a luta pacífica é o melhor meio para alcançar seus objetivos. Eu tenho três modelos dos quais falo o tempo todo: Martin Luther King, Gandhi e Nelson Mandela.

Em fevereiro passado, eu estava nas Filipinas no dia da comemoração do 25º aniversário da revolução pacífica que derrubou o regime que estava no poder [a ditadura de Ferdinand Marcos]. Homens, mulheres – mesmo as grávidas –, crianças... todos se levantaram por um mesmo objetivo. E não houve vítimas. É esse tipo de revolução que eu gostaria de incentivar.

No seu programa de entrevistas on-line Gimme MO, você destaca o grande poder de expressão que a internet oferece aos jovens.

Gimme MO é realmente uma programa destinado aos jovens, em que eles podem trocar ideias sobre coisas que costumam ser ignoradas ou que são tratadas de um modo diferente. Eu também entrevisto celebridades, cientistas, pessoas que conheci... O objetivo principal desse programa é mostrar aos jovens que as pessoas que eles admiram não são, no fundo, tão diferentes deles. Outra meta é combater os estereótipos, os preconceitos. Na Austrália, eu entrevistei uma jovem refugiada muçulmana que mora em um conjunto habitacional de Melbourne. Ela tem 21 anos, usa o véu e rejeita totalmente o clichê segundo o qual as mulheres

muçulmanas são oprimidas e não têm direito de expressar sua opinião.

Sobre os jovens que você encontra durante a sua viagem: eles são iguais em qualquer lugar ou existem diferenças de um país para o outro?

Na verdade, os jovens são muito parecidos entre si (risos)! A verdadeira diferença é que nos países em desenvolvimento os jovens são muito sensíveis aos problemas mundiais. Não pode ser de outra forma, pois eles são confrontados diretamente, eles saem de casa para ir à escola. Já nos países desenvolvidos, eles em geral têm menos consciência do que se passa em outros lugares do mundo. Eles são mais

obcecados por suas histórias pessoais.

Quais são as perguntas mais difíceis feitas pelos jovens?

Em um país como a Austrália, o que mais importa para os jovens é a autoestima, aprender a se aceitar. O grande problema desse país é a taxa de suicídio entre os jovens.

Porém, em um país como o Bangladesh, de certa forma é o contrário! Eu me lembro do que um estudante me disse: "Como você quer abrir os olhos das pessoas nos países desenvolvidos? Eles querem acabar com suas vidas, enquanto aqui nós lutamos para sobreviver". Isso diz tudo.

O que não muda de um país para outro é que cada jovem procura encontrar o seu lugar no mundo. Eu

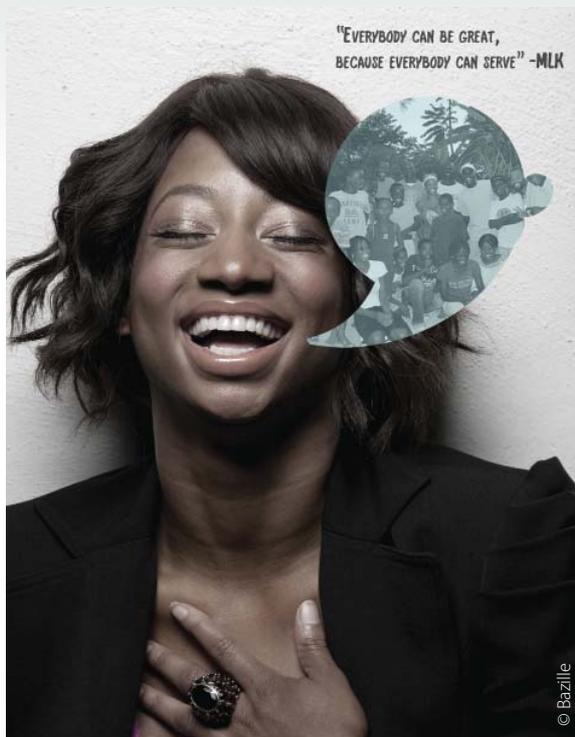
faço o meu melhor para explicar a eles que as possibilidades são ilimitadas e para convencê-los do valor e do potencial que eles têm, seja qual for sua classe social ou sua religião, sejam eles privilegiados ou desfavorecidos. Todos nós temos obstáculos para superar e devemos superá-los sozinhos, ainda que nos ajudando mutuamente.

Não somos obrigados a querer transformar o planeta, querer mudar as coisas erradas onde estivermos é suficiente. Porque se cada um busca soluções para os problemas mais próximos, juntos, todos acabaremos por mudar o mundo inteiro.

Quando o Ano Internacional terminar, você vai continuar apoiando os jovens pelo mundo?

Com certeza, o que estou fazendo agora é só o começo! Eu pretendo me dedicar ainda mais ao programa Gimme MO, para que ele se torne uma plataforma na televisão e um site interativo equipado com todas as novas

tecnologias. Na minha carreira de atriz, pretendo usar o espetáculo, que é um ótimo meio para divulgar mensagens. Quando pergunto às pessoas por que elas se engajaram, por que participam de uma organização ou se interessam tanto por uma causa, muitas vezes elas mencionam um livro, uma música ou um filme! Por isso, eu gostaria de continuar usando a arte para criar novas fontes de inspiração. ■



↑ Pôster de "Gimme MO", plataforma criada por Monique Coleman para os jovens.

"Os jovens se revoltam não apenas porque suas vidas têm sido só sofrimento, mas também porque as vidas de seus pais e de suas famílias têm sido só sofrimento, guerras, privações..."



← Cena da revolução tunisiana, em Túnis, final de janeiro de 2011.

Para a estudante Emna Fitouri, o levante da juventude tunisiana em janeiro de 2011 representa mais do que uma revolução: era uma questão de vida ou morte para uma juventude à beira da asfixia. Neste relato, Emna define o papel desempenhado pela internet no movimento, evoca algumas das razões profundas da revolta e narra sua travessia pelo inferno.

EMNA FITOURI

Um ato de sobrevivência

No dia 10 de janeiro de 2011, fiquei sabendo pelo *Facebook* que o povo estava se preparando para se manifestar em Túnis. Eu e meus colegas de turma marcamos um encontro no dia 14 de janeiro, na frente do Ministério do Interior. Fizemos manifestações durante três dias, na Avenida Habib Bourguiba e na Praça da Kasbah, no centro da cidade. Nós nos organizamos pelo *Facebook*, como a maioria dos jovens tunisianos. Isso fez com que muitos jornalistas dissessem que nossa revolução era uma “revolução *Facebook*”. Essa é, no meu ponto de vista, uma definição redutora, pois a realidade é muito mais complexa. Na verdade, as redes sociais foram apenas uma ferramenta que os jovens utilizaram para se mobilizar, para iniciar o processo de transformação da sociedade, para combater o desemprego

e outras formas de humilhação, para reivindicar o respeito pela dignidade e pelos direitos humanos.

Por outro lado, também não se pode minimizar o papel da internet, que se revelou um instrumento importante da democratização nos países árabes e que possibilita a reflexão sobre a diversidade de suas situações políticas e culturais. Além disso, é uma arma poderosa contra a censura. Ninguém mais poderá dizer: “Eu sou o único. Eu domino a cena”. A internet vai impedir isso, abrindo espaço para debates construtivos e também nos ensinará o quê esse debate significa.

A penúltima revolução na Tunísia deu origem a uma “ditadura revolucionária”, cujos resultados são conhecidos por todos hoje em dia. Desta vez, nós participamos de uma

“revolução civilizada”, uma revolução sem violência, destinada a desembocar em uma democracia.

Uma ressalva: a imprensa e os analistas insistem muito no caráter “pacífico” dessa revolução porque os jovens saíram desarmados para as ruas. Mas esse termo deve ser tratado com cuidado. Pacífico para quem? Para as pessoas que passaram vários dias com medo, ouvindo os tiros? Para os soldados e os policiais, divididos entre seus deveres e suas convicções pessoais? Para os jovens manifestantes que nunca tinham visto tanto sangue? O inferno que nós atravessamos talvez não tenha sido tão sangrento quanto o dos nossos irmãos líbios, iemenitas ou sírios, mas nós vivemos momentos terríveis.

Vi gente morte, fiquei paralisada de medo, desmaiei sob o efeito do

gás lacrimogêneo... Na Kasbah de Túnis, chegavam centenas e centenas de pessoas de Sidi Bouzid – a cidade onde Mohamed Bouazizi se imolou com fogo no dia 4 de janeiro, dando início à revolução – para se unir aos manifestantes da capital. Alguns vinham com suas mulheres e seus filhos. Eles tinham frio e fome, alguns até mesmo estavam doentes. Com os escoteiros, levamos comida e cobertores para eles. Eu ajudei o responsável do serviço médico dos escoteiros.

E, acima de tudo, eu gritei. Dia após dia. Eu gritei “FORA!” com todas as minhas forças, até a saída de Ben Ali. Eu queria acabar com um regime no qual os jovens tinham se tornado as vítimas mais frágeis.

Ao invés de sermos o motor da economia nacional, éramos o seu bode expiatório. O que explica o fato de que nós, os jovens, tenhamos sido os primeiros a nos revoltar. Nós estávamos presos em uma verdadeira armadilha: por um lado, recebíamos uma educação que é considerada uma das melhores do continente africano, mas que, na realidade, não

é adaptada às necessidades de um mercado de trabalho em constante evolução. Por outro lado, o regime não possibilitava conseguir um emprego e mantê-lo, pois na Tunísia não existe a formação continuada, que permite aos empregados atualizarem seus conhecimentos profissionais. No setor de informática, por exemplo, quando as tecnologias evoluem, as empresas simplesmente substituem os engenheiros e os técnicos! Para os jovens diplomados, a precariedade do emprego é um peso tão grande quanto a impossibilidade de encontrar um trabalho. Eu me pergunto se existe no país inteiro uma só família que não tenha pelo menos um jovem diplomado sem trabalho.

Resumindo, um sistema educacional instável e uma política econômica extremamente cínica fizeram de nós uma juventude desencantada, explorada e asfíxiada. Nossas primeiras revoltas foram atos de sobrevivência. Nossas mobilizações futuras serão parte de uma linha de ação para a construção de um novo país.

Emna Fitouri, tunisiana de 21 anos, está no segundo ano do curso de francês no Instituto Preparatório de Estudos Literários e Ciências Humanas de Túnis. Ela também coordena um grupo de escoteiros em Hammam Lif, na periferia ao sul de Túnis.



© Monia Agrebi

© Hamieddine Bouali

↓ Vox populi, Túnis, 27 de janeiro de 2011.



Revolução em rede



A jovem militante egípcia Gigi Ibrahim, 24 anos, durante a revolução egípcia de 2011.

© Al Jazeera English

No auge da revolução egípcia de janeiro de 2011, uma jovem mobiliza multidões pelo **Facebook** e pelo **Twitter**, informa os internautas do mundo inteiro, organiza manifestações nas ruas, agita bandeiras... sempre com o telefone celular nas mãos. Gigi Ibrahim, 24 anos, encarna o modelo da revolucionária árabe da “geração *high-tech*”. Nem todos os seus compatriotas que foram às ruas tinham um computador em casa – longe disso. No entanto, as mídias sociais desempenharam um papel crucial na organização desse episódio histórico que está transformando o mundo, e não somente o mundo árabe.

GIGI IBRAHIM responde às perguntas de Khaled Abu Hijleh

Entre 2000 e 2008, você viveu nos Estados Unidos. Você voltou para o Egito com 22 anos e rapidamente se engajou no plano sociopolítico. Você era militante, antes disso?

Sim, nos Estados Unidos eu militava em âmbito local, principalmente contra as leis de imigração. Eu fazia parte de um grupo que defendia os direitos dos imigrantes clandestinos contra as pressões exercidas pela polícia, em favor de leis discriminatórias.

Eu também apoiei muito a causa palestina. Onde houver uma manifestação ou um grito contra a guerra, eu vou apoiá-los, com certeza.

Mas, honestamente, eu estava longe de me interessar pelo que estava acontecendo naquela época no Egito, para onde eu raramente ia. Tendo vivido no exterior dos 14 aos 22 anos, eu não sabia muita coisa sobre a situação interna do meu país. Também não conhecia o movimento de

oposição egípcio, totalmente ignorado pela grande mídia. Assim, se você não estivesse lá e não fizesse parte do movimento, não saberia de nada. Inclusive, muitas pessoas que viviam lá não sabiam de nada disso. Apenas os militantes, a imprensa e a classe política sabiam o que estava acontecendo.

Em 2008, quando voltei dos Estados Unidos, entrei em contato com

Você pode seguir Gigi Ibrahim no endereço: <http://twitter.com/Gsquare866>

militantes egípcios pela primeira vez. Eu me inscrevi então em um curso sobre mobilização social em um regime autoritário, na Universidade Americana do Cairo. Comecei os estudos em ciências políticas e participei das manifestações no período 2009-2010, onde conheci vários militantes. Foi então que comecei a militar no grupo dos socialistas revolucionários.



© Hossam El Hamalawy

↑ O telefone celular tornou-se um instrumento essencial na luta pela democracia no Egito.

Qual foi o seu papel na grande passeata de 25 de janeiro de 2011?

Je faisais partie de la poignée de. Eu fazia parte de um punhado de grupos políticos que convocaram a manifestação do dia 25 de janeiro. Nós entramos em acordo sobre a hora, o lugar e o conteúdo das reivindicações. A nossa principal reivindicação era a prisão de Habib al-Adly, o ministro do Interior. Essa era nossa exigência desde que o internauta Khaled Saïd tinha sido torturado até a morte, no dia 6 de junho de 2010. Nós exigíamos também a dissolução do parlamento, eleito no final de 2010, e pedíamos o estabelecimento de um salário mínimo. Sair às ruas era a nossa maneira de levar essas reivindicações ao conhecimento da opinião pública em geral.

Após o levante tunisiano, os povos árabes começaram a acreditar no poder das ruas, na possibilidade de uma revolução pacífica. Foi essa a linha de ação que nós seguimos: transformar um movimento social de jovens e de grupos políticos em um verdadeiro movimento popular, com reivindicações tanto políticas quanto econômicas.

No começo, éramos uma centena, e por fim éramos milhares e milhares gritando *slogans* contra o regime. Não parava de chegar gente; uma multidão cada vez maior se dirigia à Praça Tahrir, no centro da cidade.

Chegando lá, começamos a gritar os mesmos *slogans* que os tunisianos: “O povo quer a mudança do regime!”. Embora não tivéssemos previsto, desejávamos muito que isso acontecesse.

Às vezes nós até brincávamos: “Ei, a gente está organizando uma revolução no *Facebook*!”. Ninguém imaginava que as coisas aconteceriam como realmente aconteceram. E isso foi ótimo, porque as pessoas não aguentavam mais: a opressão era tamanha que elas teriam feito qualquer coisa para conseguir a liberdade.

Qual foi o papel desempenhado pelas mídias sociais e pelo jornalismo cidadão feito pelos jovens, nesses eventos do Egito?

As redes sociais tiveram um papel fundamental antes dos eventos. Não foram as redes sociais que fizeram a revolução, mas foi graças a elas que nós conseguimos nos comunicar.

Quando se vive sob um regime autoritário, cada informação transmitida, cada órgão de imprensa, e todo e qualquer meio de comunicação adquirem uma importância crucial. Nessas condições, o jornalismo cidadão se torna militância. Mostrar a verdade, dar informações sobre os assuntos que o Estado censurava, isso era essencial.

Era o nosso único meio, antes da revolução, para expor e explicar o que estava acontecendo. Muita gente não sabia absolutamente nada sobre as manifestações e as greves que ocorriam. E foi graças às redes sociais que a mídia independente e a imprensa internacional, como a rede *Al Jazeera*, puderam ser informadas. Foi graças a elas que pudemos denunciar os casos de tortura nas delegacias de polícia. Muitas dessas torturas foram filmadas com telefones celulares. Todos esses atos de violência foram trazidos à luz por intermédio do *Flickr*, do *Facebook* e do *Twitter*, que escapavam completamente da censura, até que o governo começou a proibir o acesso a eles.

É preciso dizer que nem todas as pessoas que saíram às ruas e fizeram a

revolução, tinham acesso ao *Facebook*, ao *Twitter*, ou mesmo a um computador. Elas saíram às ruas e arriscaram suas vidas para conseguir serviços de saúde e um sistema educacional dignos do nome, para que seus filhos tenham um futuro melhor. Mas mesmo para os revolucionários que desconheciam essas ferramentas, as redes sociais tiveram um papel essencial na comunicação das informações e na mobilização.

Sendo árabe, jovem e mulher, você não acha que a participação das mulheres egípcias no levante de 25 de janeiro representa uma ruptura nas tradições?

Não concordo com isso, de forma alguma! As mulheres sempre participaram de todos os movimentos e revoluções, no Oriente Médio e em outras partes do mundo.

Desta vez, no Egito, elas fizeram greve e manifestaram gritando *slogans*; elas também foram presas e torturadas. No que eu vivi durante o levante egípcio, não houve diferença alguma entre homens e mulheres.

É claro que as mulheres lutam também pelos direitos das mulheres, mas aí elas ouvem que esse não é o momento certo para isso! Então, quando será o momento certo?* Isso não é exclusivo do Oriente Médio: nos Estados Unidos, no Reino Unido, no mundo todo, as mulheres também lutam por seus direitos.

Você acha que outros jovens poderiam inspirar-se nesse modelo popular e não violento para produzir mudanças em seus países?

Nós já assistimos a movimentos similares de jovens, não apenas na região, mas também em outros lugares. Houve uma grande manifestação em Londres, no último dia 26 de março. Eles tinham faixas e *slogans* parecidos com os egípcios. O mundo árabe é sempre visto de um modo estereotipado, como uma região retrógrada e violenta, como um antro do terrorismo. Desta vez, o mundo árabe dá o exemplo de uma democracia instaurada pela base e de mudanças provocadas por um movimento popular e pacífico. ■

* Sobre o assunto, leia o nosso artigo “Agora ou nunca”, sobre as manifestações das italianas no dia 13 de fevereiro passado, na edição de abril-junho de 2011, “Mulheres na conquista por novos espaços de liberdade”.

A primavera dos indignados

Desde o dia 15 de maio, a Espanha vive em clima de manifestações e protestos que surpreendeu boa parte da opinião pública mundial. Diante desse *Movimiento 15-M* – ou, simplesmente desses “indignados” –, a perplexidade: o que eles querem, afinal? A Espanha não é um país avançado e democrático, totalmente diferente da Tunísia ou do Egito? No entanto, olhando com atenção, o que se percebe é que muitos espanhóis acreditam que não conseguem se fazer ouvir, e que o sistema estabelecido simplesmente não lhes oferece um futuro. É por esse futuro que os jovens decidiram lutar.

ALFREDO TRUJILLO FERNANDEZ

O protesto irrompeu espontaneamente. “Ninguém tinha previsto”, reconhece Cristóbal Ramírez, jornalista madrileño de 27 anos, nascido em Cádiz. Tudo começou no dia 15 de maio, com uma manifestação em Madri organizada pelos movimentos *Democracia Real Ya* (Real Democracia Já) e *Jovenes Sin Futuro* (Jovens Sem futuro). Em seguida, instalaram-se barracas, e elas disseminaram-se por todo o país. Dia após dia, os manifestantes – que se autodenominaram os “indignados” – viram seu grupo, essencialmente composto por jovens, ganhar a adesão de aposentados, trabalhadores de diversas categorias, donas de casa, avós com seus netos e famílias com crianças.

Essa indignação é, incontestavelmente, produto da grave crise econômica que atinge o país. A Espanha exhibe uma taxa de desemprego recorde na Europa Ocidental: 20,6%, no primeiro trimestre de 2011. Entre os jovens, essa taxa atinge o pico de 44,3%. Em 2007, antes da crise, o país tinha apenas 8,3 % de desempregados.

← “Primavera”, colagem e guache, 2011. Esta obra de Slobodan K. Bijeljac, pintor francês originário da Bósnia-Herzegovina, foi criada especialmente para este número do “Correio da UNESCO”. Visite o site do artista: <http://bijeljac2.free.fr/>

© Slobodan K. Bijeljac



No entanto, durante os anos de prosperidade econômica, já havia indícios de que a máquina iria enguiçar. Em agosto de 2005, em uma carta ao diretor publicada pelo jornal “*El País*”, um jovem barcelonense lançou a palavra *mileurista*. Ela refere-se ao jovem espanhol, coberto de diplomas, poliglota, geralmente titular de mestrado e que ganha com dificuldade mil euros por mês – o estigma de uma geração que, apesar de estar mais bem capacitada do que nunca, se sente maltratada pelo mercado de trabalho e ignorada pelo sistema.

No plano político, antes e depois da crise de 2008, os últimos anos foram marcados por casos de corrupção, envolvendo representantes dos partidos da maioria. Contudo, foram poucos os que terminaram diante dos tribunais. Em razão disso, não é de se espantar que uma pesquisa realizada em 2009 pelo Centro de Investigações Sociológicas (CIS) tenha mostrado que seis, entre dez espanhóis, consideravam que a corrupção política era bastante acentuada ou muito frequente, tanto no âmbito local como no federal. Nesse mesmo estudo, a maioria da população confessou sua falta de confiança na classe política e no sistema.

Crise econômica, corrupção política, perda de confiança no sistema democrático: são esses os ingredientes que levaram às ruas milhares de “indignados” por todo o país..

Finalmente, meu país acordou

No dia 15 de maio, Miriam Blanco, uma madrilenha de 30 anos, fica sabendo que a primeira manifestação está acontecendo na Puerta del Sol. “Finalmente meu país acordou!”, ela pensa. Titular de vários diplomas, dominando quatro línguas, Miriam participa, desde o início, dos comitês que foram criados. “Eles nos disseram: vocês são o futuro. Mas nós não somos nem o futuro, nem o presente”, diz ela, tentando expor os motivos da indignação. E acrescenta: “Nós não temos mais medo, não temos mais nada a perder, já que nós e nossos filhos não temos mais futuro”.

“As pessoas estão exaustas”, enfatiza Cristóbal, que, nessas últimas semanas, se uniu, diversas vezes, ao grupo dos “indignados” da *Puerta del Sol*. “Queremos um sistema no qual o poder venha dos cidadãos, uma democracia

real, mais participativa”, conclui esse jornalista *free-lance*. Olivia Waters, uma inglesa de 27 anos que mora na capital e que percorre, a cada dia, a floresta de barracas e lonas que brotou no meio da cidade, acrescenta: “Eu fico chocada diante da impossibilidade de os cidadãos deste país expressarem-se. Para mim, eles querem simplesmente ser considerados, ouvidos...”.

Vitor Peiteado, cientista político de 32 anos e originário de La Corunha, vê, nessa explosão de cólera, “uma reação de indignação diante de uma crise pela qual os trabalhadores não são responsáveis, mas pagam as consequências”. Vitor, que, como centenas de outros jovens espanhóis nos últimos dois anos, teve de ir buscar, no exterior, oportunidades e salário que seu país não oferece, alegra-se com o que está acontecendo: “Pela primeira vez, as pessoas dizem que o problema está no próprio sistema, e que esta democracia, onde só se é convocado às urnas a cada quatro anos, assim como o sistema econômico em vigor, não funciona”.

Miriam também destaca que o movimento visa, sobretudo, a obter “uma melhor participação dos cidadãos, que poderia ser incentivada, por meio das novas tecnologias”. Em todas as assembleias e os debates que se organizam, repete-se que os responsáveis políticos devem representar os interesses dos cidadãos, e não os dos bancos e das grandes empresas. Aliás, por questão de honra, o movimento manteve os partidos e os sindicatos tradicionais à margem do protesto, reforçando o caráter popular, cidadão e, de certo modo, antissistema do movimento.

*Em quase meio século,
é a primeira vez que um
movimento desse vulto
contesta a legitimidade da
democracia liberal partidária.*

O futuro nos dirá

Nem os objetivos, nem os meios para alcançá-los, todavia, são formulados claramente. Para Miriam, isso ocorre, porque o processo ainda está em uma fase embrionária. “A questão dos meios ainda está em gestação. Estamos na



© UNESCO/Ana Freindorf

↑ Alfredo Trujillo Fernandez, jornalista espanhol de 31 anos, trabalha atualmente na equipe de redação do site da UNESCO.

fase de tomada de consciência de que as coisas devem ser mudadas, na fase de reflexão. Falando e debatendo, chegaremos ao que deve ser feito”, ela explica. Cristóbal acredita que a questão é mudar um sistema que atualmente “não combate as dificuldades dos mais modestos”. Vitor reconhece que muitas ideias ainda são “muito gerais”, e que as exigências são “vagas”. Porém, diz ele, “em quase meio século, é a primeira vez que um movimento desse vulto contesta a legitimidade da democracia liberal partidária”. Olivia acha que a falta de definição e de clareza é um reflexo da própria crise e do tamanho do problema com o qual a Espanha é confrontada e conclui: “Existem tantos problemas a resolver que não se sabe nem por onde começar”.

De certo modo, é possível que essa falta de definição seja o esboço de um movimento com objetivos claros e itinerário bem traçado. Quem sabe, de um exemplo a ser seguido por outros “indignados”, em outros países europeus humilhados pela crise e com a mesma força democrática da Espanha. Entretanto, se o impulso das primeiras semanas diminui, o *Movimiento 15-M* pode diluir-se nas areias da história e engordar o catálogo de fatos curiosos dessa primavera de esperança e indignação de 2011. ■

Era uma vez a juventude...

Um ano depois do Maio de 68. O Correio da UNESCO dedicou uma edição à “Juventude de 1969”¹, a uma “juventude enraivecida”, à “geração da dissidência e do entusiasmo”, à “doença da juventude em diversas partes do mundo”. Em muitos aspectos, a “onda de protestos da juventude” de 1968 assemelha-se à da “Primavera Árabe” de 2011. Alguns pequenos trechos do artigo “A crise da sociedade” confirmam essa ideia.

“Pela sua necessidade do que é absoluto, os jovens estão menos tolerantes com as injustiças e as desordens do mundo como jamais estiveram. René Maheu, diretor-geral da UNESCO”

“O conflito mais básico de todos, engendrado no advento da juventude, na situação de coletividade constituída e distinta, traduz-se, aparentemente, na determinação dos jovens de conseguir, na sociedade, o *status* e a consideração a que sentem ter direito.”

“Os meios de comunicação da atualidade familiarizam a juventude com diferentes culturas e ignoram fronteiras. Em escala mundial, um tipo de cultura internacional especificamente jovem parece ter surgido.”

1. Essa edição está disponível nos nossos arquivos: www.unesco.org.courier.



Photo © Snark International - Grazia Neri

**“Nous avons demandé à être entendus – Vous avez refusé
Nous avons demandé la justice – Vous l’avez appelée anarchie
Nous avons demandé la liberté – Vous l’avez appelée licence.”**

(voir page 15)

© UNESCO

↑ Quarta capa do Correio da UNESCO “Juventude de 1969” publicada em abril daquele ano.

“Eles querem que as relações humanas sejam mais livres, mais francas e mais calorosas do que oferecemos. Eles acreditam que os sistemas nacional e internacional para os quais estão sendo conduzidos contêm graves injustiças das quais eles não querem fazer parte.”

“Os jovens, em rebelião mais ou menos declarada, manifestaram reprovação quanto à segregação racial [...]. Eles insurgiram-se contra o conformismo social, denunciaram o mito da produção pela produção, do consumo pelo consumo.”

A juventude tcheca quer falar

MATHIEU PONNARD

***Kecejme do toho! (Vamos participar!)* é um projeto iniciado por três jovens tchecos. Seu objetivo: dar aos seus concidadãos com idades entre 16 e 26 anos a oportunidade de expressar seus pontos de vista sobre questões que os afetam diretamente. É um laboratório de ideias e um verdadeiro avanço democrático para a juventude tcheca.**

Eles chamam-se Jan, Jana e Jirka, têm, em média, 20 anos de idade e sempre estiveram envolvidos com ONGs tchecas ligadas à juventude. Eles podiam, então, manifestar-se sobre diferentes assuntos, tanto no interior de sua organização como em sua cidade ou - por que não? - em âmbito europeu.

Até se renderem à evidência: era praticamente impossível manifestar-se em âmbito nacional! "Decidimos então mudar as coisas", explica Jan Husak, de 23 anos, estudante de assuntos europeus em Brno, a segunda maior cidade do país, e coordenador de um projeto que nasceu em 2010. "Até então, só os membros ativos de uma instituição como o Parlamento Nacional das Crianças e da Juventude - ou seja, os jovens já envolvidos na vida democrática - podiam dar sua opinião", acrescenta ele. O que deixava de fora os outros jovens...

É claro que os problemas enfrentados pela juventude tcheca não são os mesmos da juventude de um país como Uganda, mas isso não quer dizer que os jovens não sofram discriminação. "Houve algumas más experiências..." testemunha Jan, "jovens que fizeram circular um abaixo-assinado

e se manifestaram contra uma decisão que lhes dizia respeito diretamente: a instituição de um novo exame de vestibular. Embora a participação dos jovens seja uma das prioridades da política para a juventude na República Tcheca, a classe política nem sequer se deu ao trabalho de aceitar receber essa petição! Parafraçando Shakespeare, disse a mim mesmo que havia algo de podre, não no reino na Dinamarca, mas na República Tcheca!" Esse incidente marcou o nascimento do *Kecejme do toho! (Vamos participar!)*. Seus criadores queriam mostrar que a classe política pode e deve aceitar a opinião do jovem, de maneira cortês e em total conformidade com os princípios democráticos.

Desde então, em diversas ocasiões, os jovens tchecos têm sido solicitados a expressar seu ponto de vista sobre diversos temas relacionados com sua faixa etária, seus problemas e suas expectativas: financiamento do ensino superior, direito de voto a partir de 16 anos, trote e *bullying* na escola, legalização da maconha, educação sexual e, até mesmo, a polêmica roda dos enfeitados. Disseminada, desde 2005, em diversos lugares públicos

do território tcheco, pela fundação para crianças abandonadas Statim, essa "roda" permite que mães em dificuldades abandonem os recém-nascidos com toda segurança e longe dos olhares indiscretos.

Como em qualquer lugar, *Facebook*, *Twitter* e internet, em geral, são os meios de mobilização de estudantes, desempregados e assalariados.

Como funciona ?

Em termos práticos, os jovens votam, primeiramente, um tema por meio da internet e das redes sociais. Depois, o *Vamos participar!* analisa os argumentos "a favor" e "contra" e coleta informações que servirão de ponto de partida para discussões posteriores nos debates públicos realizados em todo o país.

Nesse segundo estágio, os organizadores buscam facilitar a discussão, até que se chegue a um ponto em comum. Graças ao *Vamos participar!*, jovens voluntários também são convidados a organizar essas oficinas e grupos de discussão, seja na sala de aula, seja no clube, ou simplesmente em um café.

O terceiro estágio consiste em um debate público para o qual são convidados jovens que estejam interessados no assunto, assim como





© www.youthweek.eu

← Cartaz da Semana Europeia da Juventude, de 15 a 21 de maio de 2011.

escola de democracia, com a criação desse compromisso e do progresso subsequente. No entanto, ainda estamos em fase experimental! Meu compromisso original era baseado em uma teoria que fazia sentido para mim... E eu queria ver se ela iria funcionar no mundo real. O importante é provar que o nosso país é uma democracia e que, se fizermos algo, poderemos obter resultados, educar e provar, por meio de exemplos positivos, que isso funciona, que podemos aumentar o nível de participação dos jovens no debate dos problemas nacionais."

Laboratório para a democracia

Vamos participar! é uma organização independente que não recebe doações de patrocinadores particulares ou políticos. Ela tem o apoio de um conjunto de ONGs dedicadas à juventude e do Conselho Tcheco para a Infância e para a Juventude. A organização recebeu a promessa do Ministério da Educação, da Juventude e do Esporte de que os resultados da conferência final serão analisados da mesma maneira como se fossem um relatório interno sobre a opinião dos jovens. "Era exatamente isso o que queríamos", disse Jan entusiasmado, "que os jovens que utilizam os princípios democráticos sejam ouvidos e que a sua opinião seja levada em consideração pelo sistema político oficial, assim como outros pontos de vista."

O projeto Vamos participar! recebe o apoio do programa europeu juventude em Ação e da Representação da Comissão Europeia na República Tcheca – uma dimensão europeia que o coordenador não rejeita. "Também fazemos parte do projeto Diálogo Estruturado com a Juventude da União Europeia, que se estende por mais de 18 meses e três presidências (Espanha, Bélgica e Hungria) e cujo tema é o emprego para a juventude. Organizamos um debate sobre o assunto e preparamos um relatório juntamente com o Ministério para apresentarmos para a União Europeia. Foi gratificante ver a maioria dos resultados dos nossos debates sendo integrada no processo político europeu. Eles foram igualmente discutidos pela Comissão e pelo Parlamento europeus



© Czech Council of Children and Youth

↑ Jan Husak, de 23 anos, fundador do Vamos participar!

e pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC)...Isso é extremamente satisfatório!"

Por enquanto, o Vamos participar! é um projeto singular, em um país onde a juventude sempre escolheu se opor ao poder, em vez de tentar mudar as coisas. Até o presente, a organização somente mantém relações com parceiros da Eslováquia, no intuito de desenvolver comparativos com o país vizinho. Entretanto, essa iniciativa original, envolvendo a juventude de um país, merece ter o seu modelo copiado em todo o mundo, para que a juventude das nações possa falar a respeito dos assuntos que lhes digam respeito. ■

políticos envolvidos com a causa, além de um(a) diretor(a) de escola de ensino médio. Depois do debate com esses especialistas, os jovens são capazes de chegar a um denominador comum, que será, posteriormente, votado pela internet.

No estágio final, os resultados são apresentados à mídia, à classe política e aos especialistas em uma conferência definitiva, em que os jovens, mais uma vez, têm a oportunidade de questionar os tomadores de decisão. Os resultados são repassados para o governo, para os deputados e para os senadores.

"O importante é provar que vivemos em um país democrático e que, se fizermos alguma coisa, alcançaremos resultados..."

"Em algumas questões, minha posição pessoal não difere tanto da posição comum adotada ao final, que é, em geral, bem abrangente. Eu gostaria de conduzir uma proposta em determinada direção... Mas, isso não seria democracia. Compromisso é compromisso." Jan é categórico. "Pessoalmente, vejo a nossa organização como uma boa

Mathieu Ponnard, 34 anos, é jornalista francês residente em Praga.



© DR

Em 2008, a jovem sul-africana Barbara Mallinson criou Obami, que desde então se tornou a melhor amiga dos alunos nas escolas do seu país. Obami não é branca nem é negra, é virtual; ela está ajudando a melhorar a qualidade da educação e, assim, a qualidade de vida. A criadora de Obami nos conta a sua história.

BARBARA MALLINSON

Eu cresci em um subúrbio rico de Joanesburgo, onde tive o privilégio de estudar em uma escola particular. O fato de eu ser uma estudante branca de escola particular certamente significava que eu estava protegida da dor pela qual a África do Sul estava passando até o fim do *apartheid*, mas eu valorizo, assim como meus conterrâneos sul-africanos, alguns momentos, como a libertação de Mandela e a abertura da Copa do Mundo de 2010, que definiram a nossa incipiente democracia e o nosso espírito nacional desde então.

Sempre sonhei em ter um negócio próprio, mas isso não iria ocorrer até que eu tivesse terminado meu curso de *marketing* pela Universidade do Cabo e passado cinco anos no mundo dos negócios em Londres para que Obami viesse a nascer. Naquela época, em 2007, ela não era mais que uma rede social aberta e generalizada. No entanto, depois que o *Facebook* saiu dos limites da universidade, decidi focar nas escolas primárias e secundárias.

Atualmente, Obami é uma rede social pedagógica que oferece aos professores, alunos e pais uma plataforma de comunicação e de aprendizagem. Ela combina ferramentas de redes similares àquelas encontradas em redes como o *Facebook*, com recursos de aprendizagem tão abrangentes como os do *Moodle* (plataforma livre de aprendizagem online); toda em ambiente seguro, porque é voltada principalmente para crianças.



© UNESCO/Darryl Evans

Obami

minha melhor amiga

Eu desenvolvi a plataforma em Londres, porém, foi em uma viagem que fiz para a África do Sul, em 2008, que decidi repatriá-la. Se ela funcionasse na África, ela poderia, teoricamente, funcionar em qualquer lugar. E, mais importante, se funcionasse, teria um impacto social enorme em um lugar onde a necessidade era bem maior.

Este grande país que é África do Sul, com notável mistura de culturas ricas, ainda luta com desafios sociopolíticos,

embora já tenham se passado 17 anos, desde o advento da democracia. HIV/AIDS, crime, infraestrutura deficiente e má gestão são algumas das razões que fazem da África do Sul uma das nações mais atrasadas no campo da educação: em 2010, somente 23,5% dos que concluíram o ensino médio tiveram acesso ao ensino superior, de acordo com um relatório oficial de janeiro de 2011. Com coeficiente de Gini em 0,68, a África do Sul está entre os

← *Jovem estudando em frente à sua casa, em uma favela na África do Sul.*

níveis mais elevados do mundo (dados publicados pela agência *Bloomberg* em 25 de fevereiro de 2011). Como esse coeficiente pode variar de 0 a 1, com zero representando a igualdade perfeita de renda, entendemos que há um sinal alarmante de profundas desigualdades no país. A mão de obra não qualificada prevalece, ao mesmo tempo em que há falta de pessoal especializado – principalmente nas áreas de saúde, tecnologia da informação, engenharia, finanças e na área técnica –, devido a falhas no setor educacional quanto ao ensino de matemática e ciências. Essa situação piora, em razão da fuga de cérebros da África do Sul, um fenômeno endêmico que tem dizimado profissões liberais nos últimos 20 anos.

Obami: modo de usar

É um problema preocupante, que não será resolvido, caso não se ataque a raiz desse mal. Meu desejo era, e ainda é, usar a Obami a serviço do progresso social, começando pela educação. A Obami atende a três áreas da educação: distribuição de recursos, práticas de ensino e aprendizagem e avaliação de resultados. Os professores poderão criar, compartilhar e ter acesso a recursos educacionais, utilizando ferramentas multimídia, ao mesmo tempo em que interfaces enriquecidas (como as tecnologias *Ajax*, por exemplo) da nova geração da *web*, a *web 2.0*, vão facilitar a interação e a colaboração entre todos os atores, professores, alunos e pais, por meio do uso de blogs e de mídias sociais. O sistema também dispõe de um aplicativo que permite a avaliação constante do desempenho do(a) aluno(a).

Eu tenho feito esforços consideráveis para assegurar que as escolas tenham acesso gratuito à Obami. Por quê? Bom, para que todo e qualquer estudante, independentemente da situação financeira de sua família, tenha o direito, por meio da rede, a uma educação de qualidade. Os custos são atualmente cobertos por fundos privados, e eu tive a sorte de receber um apoio valioso: hospedagem gratuita oferecida pela *Internet Solutions*, o maior fornecedor de acesso à internet da África do Sul. Também estou trabalhando com ONGs

especializadas no setor de escolas: *Edunova*, que oferece treinamento em tecnologias da informação e comunicação (TICs) a comunidades carentes, e *Siyavula*, que cria recursos educativos de alta qualidade.

Desafios

Porém, também estou ciente dos desafios que tenho pela frente. Além dos sacrifícios pessoais que o meu marido (que agora trabalha comigo) e eu tivemos que fazer para gerenciar o nosso negócio, a Obami depende de fatores externos. O mercado que mais deve se beneficiar da Obami sofre com a falta de infraestrutura e de acesso à internet: segundo o Departamento Sul-africano de Estatísticas da Educação Básica, apenas 23% das 25.000 escolas públicas na África do Sul, tinham uma sala de informática em 2009, e menos de 20% delas estão conectadas de fato.

Em comparação, quase todas as 2.000 escolas particulares do país estão equipadas e conectadas desde a sua criação. É por isso que, desde o início, eu direcionei a nossa oferta para o setor privado. Minha estratégia: atingir esse mercado de escolas pequenas, mas altamente conectadas à internet, aqui e lá fora, para tirar proveito de suas vantagens competitivas (professores qualificados, excelentes recursos pedagógicos) e compartilhá-las com toda a comunidade. Já há, mediante a utilização da plataforma, escolas menos privilegiadas tendo acesso rapidamente aos recursos educativos de boa qualidade criados por outras entidades.

No entanto, mesmo apostando nas escolas mais conectadas, a Obami tem encontrado dificuldades. A revolução da *web 2.0* ainda não ganhou as escolas como um todo, contrastando com as comunidades sociais e as redes de negócios e nichos. Talvez isso ocorra por questões de segurança: as autoridades escolares têm a responsabilidade de guardar bravamente os portões de um território ainda desconhecido. Tenho investido muito tempo para convencê-los da relevância social que é a aprendizagem com a Obami, além do compromisso em proporcionar um ambiente seguro. Atualmente, quando o produto por si só se impõe, com mais de 40 estabelecimentos educacionais inscritos, as coisas são mais fáceis.

Em se tratando de conectividade, o nosso continente está progredindo.

SEACOM, *MainOne*, *EASSy* e *WACS*, sistemas de cabos submarinos que ligam a África à estrada digital, permitirão um crescimento exponencial da conectividade africana, reduzindo os custos de acesso. Atualmente, a maior parte do acesso à internet acontece por meio de telefones celulares, e isso vai continuar, porque esse é um mercado gigantesco em pleno desenvolvimento. Por ser direcionado às escolas, custos menores de material (graças ao progresso da computação desmaterializada) proporcionarão oportunidades reais de criação de salas de tecnologia e de redução do fosso digital (e educacional).

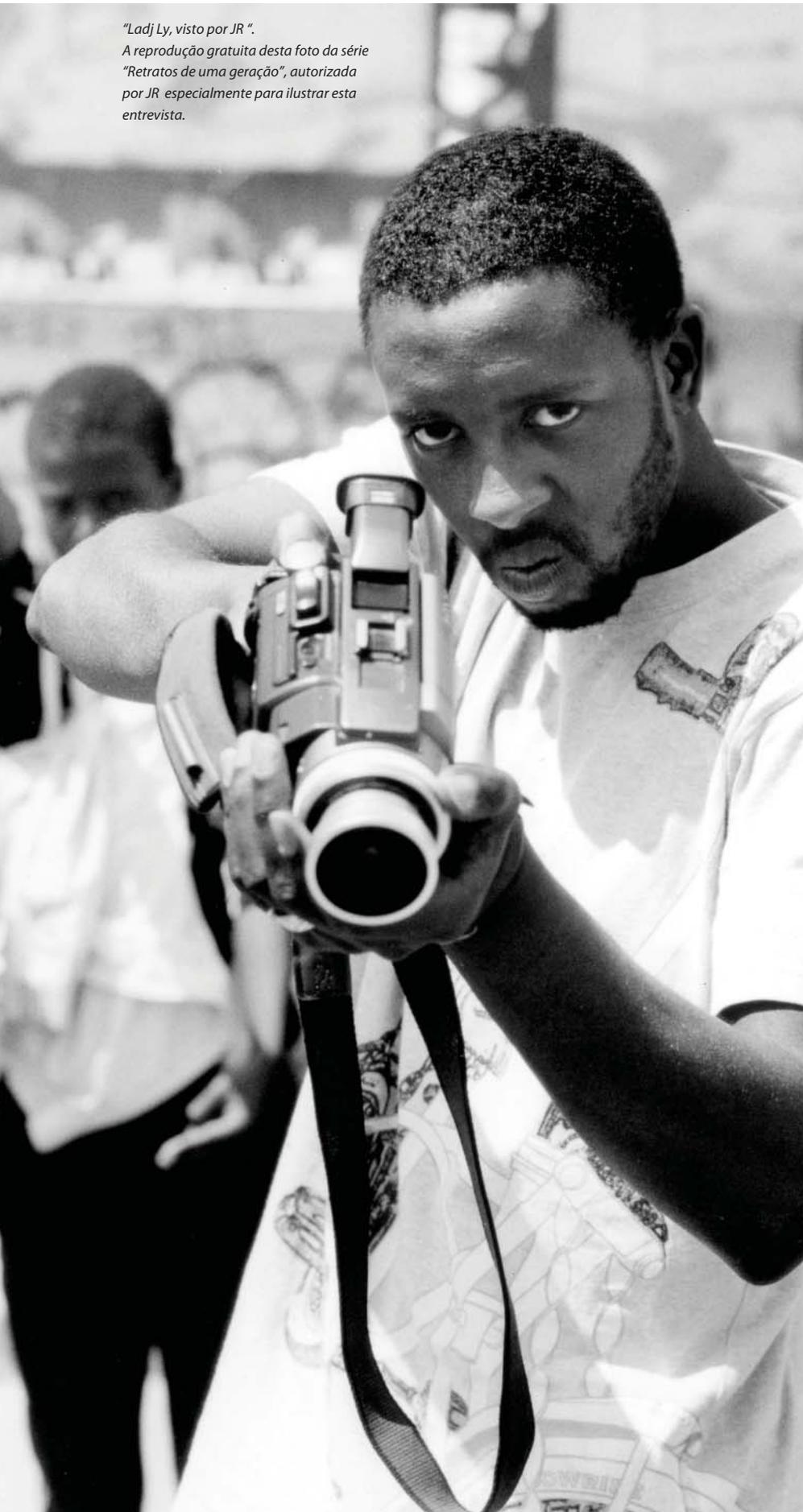
Em 2011, a Obami ocupou um lugar entre as 10 tecnologias mais inovadoras pela organização francesa *Netexplorateur*, em parceria com a UNESCO, a *Air France*, a *Deloitte*, a *Orange* e várias outras, e eu tive a honra, em 2010, de ser selecionada entre aqueles “200 jovens que se devem convidar para jantar” pelo jornal sul-africano *Mail & Guardian*. É sempre uma honra ver a Obami reconhecida, ainda que haja um longo caminho pela frente. Cada passo dado pela Obami somente contribui para a melhoria da qualidade da educação e para a conexão de mais escolas do continente africano com o resto do mundo.

↓ *Barbara Mallinson, hoje com 30 anos, é a criadora da Obami, uma rede social a serviço das escolas sul-africanas.*



As armas

"Ladj Ly, visto por JR".
A reprodução gratuita desta foto da série
"Retratos de uma geração", autorizada
por JR especialmente para ilustrar esta
entrevista.



**SERGE AMISI responde às
perguntas de Selen Demir**

Estamos em 1997. Um menino trabalha na roça com seus irmãos. Homens armados atacam. Os irmãos mais velhos correm mais rápido do que ele. Ele é raptado. Vestem nele um uniforme, obrigam-no a fumar maconha, dão-lhe uma arma e ordenam que atire. Obedece, como se brincasse de guerra. Seu nome é Serge Amisi. Hoje, tem cerca de 25 anos, não sabe exatamente em que ano nasceu. Desmobilizado por ocasião da morte de Laurent-Desiré Kabila, em 2001, Serge está desorientado. A reinserção na vida civil se anuncia difícil, mas o acaso fez que descobrisse sua vocação artística. Permitiu-lhe recuperar a liberdade interior. Começa uma nova vida. Hoje, quer ajudar as 200 a 300 mil crianças-soldado pelo mundo a fazer a mesma coisa. Dança com suas marionetes, esculpe, escreve: para si mesmo, para eles, para nós.

Você não tinha 10 anos, quando foi raptado e forçado a combater com os soldados de Laurent-Désiré Kabila. Como você vê hoje aquele período?

A visão que tenho hoje da guerra nada tem a ver com aquela que eu tinha na época. Fomos afastados de nossas famílias, e rapidamente compreendi que não nos deixariam rever nossos parentes. Éramos crianças que teriam de dar sua vida pelo país. Assumi a vida do Exército e acostumei-me ao ambiente.

Não sabíamos nada de política, simplesmente nos ensinaram a fazer a guerra e a obedecer às ordens. Tornamo-nos militares. Nós nos considerávamos membros da mesma família e nos divertíamos muito.

* *As armas milagrosas* é o título de uma coleção de poesias do poeta Aimé Césaire, da Martinica (1913–2008).

milagrosas¹ de Serge Amisi

Vocês se divertiam! Não tinham medo da morte?

Sabíamos que poderíamos morrer, mas, às vezes, acreditávamos que a morte era para os que morriam, e não para nós. Fumávamos maconha e acreditávamos ser atores de um filme de Schwarzenegger, como se a morte não fosse real. Éramos as estrelas do Exército, porque as crianças-soldado distraem muito os adultos.

Sentíamos falta de brincar. Recebia meu salário, mas para que poderia servir, senão para comprar soldadinhos para brincar. Quando a guerra recomeçava, vestia meu uniforme e preparava-me para brincar de guerra de verdade.

Aprendi a viver sem medo e sem humildade. Hoje, eu não poderia viver assim. Quando penso na minha realidade no Exército, vejo-me como alguém de fora. Não reconheço aquela criança, pois hoje sou diferente.

Você tinha sonhos, ou não se permitia nem mesmo pensar neles?

Não tínhamos tempo para pensar. Não pensávamos no futuro. Nem mesmo imaginávamos crescer um dia. Estávamos ali para a guerra, sempre para a guerra.

O que você sente em relação aos soldados que o forçaram a combater e que continuam a fazer o mesmo com outras crianças?

Naquela época, pensávamos em ajudar o país e éramos partidários do presidente Kabila. Ele era como um pai para nós, e o admirávamos muito. Não queríamos mal aos soldados que nos haviam dado um poder que, em geral, as crianças não têm, face aos adultos. Procurávamos sempre saber quem, entre nós, era o mais forte. O mundo civil era um mundo desconhecido para nós. Tínhamos o poder, por que largá-lo?

Hoje, não conheço suficientemente a política para julgar as causas da guerra e não sei por que esses soldados me

raptaram. Mas eu sei que quando a gente ama o seu país, deve proteger suas crianças. Quem erguerá o país da guerra se as crianças passarem seu tempo no Exército? Eu não sinto raiva, mas também não concordo com esses soldados. Sinto, sobretudo, pena deles. Eles não sabem o que fazem.

Você hoje tem consciência da manipulação que sofreu? Você conseguiu libertar-se do modelo militar?

Tive dificuldade de reinserir-me na vida civil. Em 2001, fui desmobilizado, e tornei-me civil, mas minha mentalidade permanecia militar. Foi graças ao Espaço Masolo (Centro de Recursos de Solidariedade Artística e Artesanal), criado em 2003, em Kinshasa, capital da República Democrática do Congo, pelos artistas congolenses Malvine Velo,

Hubert Mahela e Lamber Moussekaj, que aprendi a comportar-me melhor com os outros. Descobri a arte, recuperei minha liberdade e minha independência.

Durante a guerra, você era um animador musical admirado por seus camaradas. Cantar ajudava a suportar a situação?

Sim, eu gostava de cantar e de fazer rir. Antes do Exército, meus irmãos mais velhos cantavam para mim músicas e contavam-me histórias. No Exército, alguns soldados sentiam muita falta de seus filhos. Chamavam-me para que eu os animasse. Achavam graça da minha voz de menino e do meu tamanho de criança. Eu sozinho era uma espécie de vedete-mirim, o que fez que outras crianças sentissem ciúmes de mim. Adorava representar e podia imaginar-me um artista.

“Dizem que somos crianças da guerra, crianças-soldado, kadogos, mas nós éramos crianças inseridas na guerra. Eu não queria estar na guerra, fui obrigado a portar armas e não tinha mais pais, eu não tinha mais família, eu não tinha mais nada, além do Exército, da minha arma; disseram-me que minha arma era meu pai e minha mãe.”

Serge Amisi, “Lembre-se de mim, a criança de amanhã”,
Vents d’ailleurs, 2011.

↓ *Cena do espetáculo Congo My Body, realizado em Paris (França), no Parc de la Villette, em 2010.*



Que formas de arte você pratica atualmente ?

Sou bailarino, marionetista e escultor. Tenho em mente um projeto solo no qual combino essas três artes. Também apresento, no Congo, um espetáculo (*Congo My Body*), com meu amigo Yaoundé Mulamba, que conheço desde antes do Exército e que foi criança-soldado comigo. Nestes últimos anos, nós nos apresentamos em diferentes lugares da Europa e da República Democrática do Congo. Ainda não consigo sobreviver apenas de arte, mas espero encontrar um ateliê para trabalhar. Tenho outros projetos como artista, e não apenas como ex-criança-soldado, e estou em contato com associações ligadas à juventude, em Moçambique e Alemanha.

Como você sentiu o olhar dos outros, quanto começou a se exprimir por meio da arte? Você teve medo?

Tive medo de chocar e de não assumir. Tive também medo de ser ameaçado, julgado. Ao chegar à França, no final de 2008, de repente, fiquei chocado com meu próprio passado e comecei a refletir muito sobre ele. Tinha a impressão de revê-lo ao vivo na minha cabeça. Hoje, estou tranquilo e evito pensar muito nele, para poder avançar. Se tivesse escolha, eu não teria ido para a guerra. Tento não me culpar, dizendo-me que a culpa não é minha, que fui forçado pelos adultos e que agia sob o efeito da droga. Consegui desligar-me de tudo isso, graças a algumas pessoas que me apoiaram muito. Um dia, deram-me um caderno escolar, e nele comecei a contar a minha vida, apenas para mim.

Em março último, você publicou na França, aliás, na editora Vents d'Ailleurs, o livro "Souvenez-vous de moi, l'enfant de demain" (Lembre-se de mim, a criança de amanhã). Que mensagem você gostaria de transmitir aos jovens de hoje?

Publiquei esse livro (com base no relato escrito em lingala nos cadernos, entre 2004 e 2008), para deixar um registro do que aconteceu e também para mostrar aos jovens o que eu, criança, vivi e o que outros viveram ou que ainda estão vivendo, em algum lugar. Isso pode servir como conselho. ■



© UNESCO/Danica Bijeljic

Em abril de 2011, nas salas do "Correio da UNESCO", Serge Amisi conversa com Selen Demir, 18 anos, estudante franco-turca da Universidade de Paris IV (França), que, pela primeira vez, realiza uma entrevista para um meio de comunicação de grande público

Preso em uma espiral mortal

Cerca de 28 milhões de crianças são privadas de educação, devido aos conflitos armados. O impacto desses conflitos na educação, no entanto, é frequentemente subestimado. "Apesar de os conflitos armados serem o principal obstáculo ao desenvolvimento humano em inúmeras partes do mundo, suas consequências na educação são amplamente negligenciadas", indigna-se Irina Bokova, diretora-geral da UNESCO. Esses conflitos aniquilam não apenas as escolas e as infraestruturas da educação, como também as esperanças e as ambições de gerações inteiras.

O Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos de 2011 da UNESCO – "A crise escondida: os conflitos armados e a educação" – enfatiza, contudo, que o problema reside tanto no próprio conflito quanto no que o acompanha. As crianças abandonam a escola, ou seus pais as proíbem de frequentá-la, em razão das ameaças permanentes dentro e fora do perímetro escolar que pesam sobre professores e alunos. Estes estão submetidos ao terror, aos estupros, aos raptos. Numerosas crianças raptadas são transformadas em soldados. Para sobreviver e ter a esperança de rever a família, a única escolha é obedecer e matar. Os estupros são frequentemente utilizados como tática de guerra e, em alguns países, os jovens são alvos preferenciais, pois são indefesos. "Eu voltava do rio onde havia ido buscar água..." conta Minova, uma adolescente de 15 anos do Kivu do Sul, província da República Democrática do Congo. "Dois soldados aproximaram-se de mim e disseram-me que, se eu recusasse deitar com eles, me matariam. Eles bateram em mim, rasgaram minha roupa. Um deles violentou-me (...). Meus pais falaram com um comandante, que disse que seus soldados não violentavam e que eu estava mentindo. Reconheci os dois soldados e sei que um deles se chama Eduardo." (*Human Rights Watch*, 2009).

Que os conflitos armados minam a educação é evidente. Que os fracassos na educação alimentam os próprios conflitos é menos claro. Um sistema educacional que não proporciona aos jovens nem as competências necessárias para escapar ao desemprego e à miséria, nem as ferramentas indispensáveis ao aprendizado de "viver juntos", ou o respeito ao outro, se torna fonte em potencial de ódio e de conflito. ■

Mila Zourleva, 22 anos, estudante búlgara, estagiária da Divisão de Informação Pública da UNESCO.

O poeta, rapper e ensaísta norte-americano Nate Marshall, de 21 anos, declama uma poesia, durante o slam poético Louder Than a Bomb, em Chicago, Estados Unidos.
© LTab

Quando a poesia ressoa

mais forte que uma bomba

Criar uma comunidade em um lugar onde reinou a segregação durante gerações, atrair a atenção para o talento artístico e a palavra dos jovens, por fim ao silêncio da incompreensão... são alguns dos acertos do torneio poético, com o retumbante nome de *Louder Than a Bomb*, que reúne, há 10 anos, os futuros poetas de Chicago.

NATE MARSHALL

Não é propriamente um lugar. Pode-se dizer que é um evento ou, para ser mais preciso, uma comunidade. Porém, talvez, melhor seria dizer que é um estado de espírito. Um estado de espírito que, a cada ano, no final do inverno, se apodera, durante quase três semanas, de um público cada vez mais numeroso de professores, estudantes, poetas e espectadores vindos de diferentes partes da "Chicagolândia". É assim que se poderia definir o *Louder Than a Bomb*, o festival de poesia dos jovens de Chicago, nos Estados Unidos.

Louder Than a Bomb (LtaB) deslanchou, em 2001, como uma competição de poesia, entre oito escolas, em um local que Kevin Coval, um dos fundadores do festival, descreve como um "subterrâneo infestado de

ratos". Quando, aos 13 anos, comecei a concorrer, o LtaB havia adquirido proporções consideráveis, com 15 equipes concorrentes (a minha sendo a única que representava uma faculdade). Foi em 2003, mas eu recordo-me, como se fosse ontem, do momento em que, de repente, me vi no início dessa manifestação de final de semana e em que descobri, na sala escura, um cenário que mudou minha existência: adolescentes de todas as cores reunidos para celebrar a vida. A vida deles. O ar estava impregnado do cheiro de pizza distribuída de graça e da surda pulsação do *hip-hop*; fiquei fascinado pela energia que irradiava daquele lugar.

O que me seduziu, sobretudo, foi o enorme círculo de estudantes que ia aumentando, em direção ao fundo da sala. Ao aproximar-me deles, vi que estavam compondo versos. Não se contentavam em recitar poesias de memória, não, eles improvisavam *raps*,

músicas, poemas ritmados. Observando esse grupo de *freestyle*, passados alguns minutos, fiquei impressionado pelo comportamento absolutamente democrático do grupo. Quem quisesse podia fazer slams. Era-se julgado pela capacidade de compor, e nada mais além disso.

Entretanto, o acontecimento emblemático da LtaB é o *slam*. O *slam* é uma espécie de olimpíada poética em que cada autor declama seus poemas, sem música ou outro acompanhamento. Por sua própria natureza, um concurso de *slam* é absolutamente subjetivo, e os rumores que correm na LtaB são de que os melhores poetas não são os que ganham. Para muitas pessoas alheias à comunidade, isso pode parecer totalmente injusto, mas esse é precisamente o segredo do *slam*: na realidade, é um artifício para colocar o talento artístico e a palavra dos jovens sob a luz dos refletores.

Poesia contra segregação

Em qualquer parte do mundo, seria interessante fazer algo semelhante, mas, em Chicago, é algo francamente vital, pois a segregação, ali, ainda continua sendo muito evidente. Naquela que um dia Martin Luther King qualificou de “a mais racista cidade do norte”, não é de bom tom, ainda hoje, permitir que pessoas de origens raciais e socioeconômicas diferentes se misturem em um mesmo local. É o que torna tão bizarra a demografia do LTaB: ela ridiculariza essa tendência monolítica própria a Chicago. A LTaB realiza, todos os anos, um belo trabalho, reunindo estudantes de todas as procedências, para ouvir e aprender com eles mesmos e com os outros.

É extraordinário ouvir uma jovem, como Kush Thompson, exaltar-se contra as imagens do corpo feminino “estilo Barbie”, divulgadas por nossa sociedade, quando se sabe que ela vem da *Orr High School*, uma escola de uma região desfavorecida do lado oeste da cidade. É ainda mais extraordinário vê-la compartilhar o mesmo palco com alunos provenientes de escolas mais prestigiosas de bairros mais nobres e que estes possam identificar-se com o que ela conta. Uma nova cultura urbana está sendo construída em Chicago, graças a essa descoberta de sentimentos compartilhados.

Nestes últimos anos, a cidade sofreu vários ataques de violência, mas a LTaB permanece como um oásis de paz, no meio das tempestades: em dez anos de existência, o festival, que atrai estudantes além das fronteiras invisíveis, porém bem reais entre bairros e territórios de gangues, não registrou nenhum incidente violento. Apesar do acirramento, cada vez maior, da competição, que opõe hoje mais de 70 equipes e 30 poetas individuais, o espírito comunitário continua intacto. O *slam* coletivo continua a predominar, e frequentemente, depois de uma competição, as equipes concorrentes continuam suas conversas de forma descontraída, no bar da esquina.

Rastros de pólvora

Em 2007, esse espírito comunitário terminou por inspirar dois cineastas americanos, Gred Jacobs e Jon Siskel. No ano seguinte, eles filmaram três jovens e uma equipe, durante os preparativos do torneio. Tive a sorte

© Com a gentil autorização de Siskel/Jacobs Productions



↑ Cena do filme *Louder Than a Bomb*.

“Se você não está aqui na primeira semana de maio, não está onde deve estar, porque *Louder Than a Bomb* é o lugar mais cool do mundo.”

Adam Gottlieb, participante de 2005 a 2008

de ser um dos escolhidos. As centenas de horas filmadas deram origem a um documentário que mergulha na vida de alguns alunos e na maneira como o *slam* mudou o rumo da vida deles.

Louder Than a Bomb, o filme, foi bem recebido pela imprensa, especialmente por *Variety Magazine* e *Los Angeles Times*, e foi elogiado por críticos, como Roger Ebert (um dos mais conhecidos, nos Estados Unidos). Indicado para vários festivais de cinema nos Estados Unidos e no Canadá, foi, várias vezes, premiado em Palm Springs, Chicago e Austin, entre outros. O filme será divulgado nacionalmente, no âmbito do documentário do mês, no canal da Oprah Winfrey, no outono de 2011. Graças ao filme, a LTaB rendeu frutos: em abril de 2011, fui convidado a ir a Tulsa, com Kevin Coval, para participar da organização do primeiro LTaB anual dessa cidade, em Oklahoma.

Erika Dickerson, a vencedora de 2009, aprecia o trampolim proporcionado pelo festival, que permite “entrar na comunidade e na rede, uns com os outros, e com artistas profissionais”. Cydney Edwards, vencedor em duas ocasiões, declara: “*Louder Than a Bomb* foi, para mim, a oportunidade de sintonizar-me com outros jovens provenientes de toda a cidade de

Chicago e de criar uma profissão”. Esses estudantes, que estão entre os campeões do slam, representam o reduzido número de participantes que seguirão na carreira literária. Muitos outros irão exercer outras profissões, o que é muito bom. *Louder Than a Bomb* faz arte de grande qualidade e faz crescer essa arte, de uma forma como não acontece em outro lugar, mas seu maior acerto é fazer os jovens crescerem. Ao ensinar-lhes a usar suas próprias palavras e a ouvir as dos outros, LTaB dá-lhes os meios para analisar e desafiar o mundo no qual vivem, com suas imperfeições e injustiças. Como enfatiza Malcolm London, vencedor individual em 2011, o que faz o festival “não se encerra no LTaB”. Os estudantes *slammers* estão criando uma comunidade onde, na época de seus pais, reinava a segregação. O cantar das suas narrativas poéticas preenche o perigoso silêncio da incompreensão.

A força do LTaB reside no sentido da narrativa poética, da imaginação, que os estudantes utilizam para falar a um público entusiasta sobre o mundo no qual vivem, ao mesmo tempo em que se apropriam dos meios para construir o mundo de seus sonhos.

Nate Marshall, 21 anos, é poeta, rapper e ensaísta. Protagonista do documentário longa-metragem *Louder Than a Bomb*, várias vezes premiado; finalista do *Gwendolyn Brooks Open Mic Award 2010*, do Guia literário de Chicago. Publicado em várias antologias poéticas, está cursando o mestrado de estudos ingleses e afrodescendentes na *Vanderbilt University* (Nashville, Estados Unidos).

Vista do Morro da Providência, Rio de Janeiro, com as fachadas das casas cobertas de fotos de JR. Projeto Woman are Heroes, realizado em agosto de 2008.
© Com a gentil autorização de JR: jr.art.net



Cada um sonha de um jeito diferente, mas...

Ainda que sejam de países diferentes, exerçam profissões diferentes e falem línguas diferentes, eles têm muitas coisas em comum: a juventude, a arte, a vontade de criar laços entre as culturas. Há bem pouco tempo, nem mesmo se conheciam: a UNESCO reuniu-os. Foram designados “Jovens Artistas para o Diálogo Intercultural entre os Mundos Árabe e Ocidental”. Entre eles, Betty Shamieh (Estados Unidos/Território Palestino Ocupado), Merlijn Twaalfhoven (Países Baixos) e dois representantes do grupo Talento 2008, Ingebjerg Bratland (Noruega) e Majd Shahin (Território Palestino Ocupado), que responderam às nossas perguntas. Eles compartilham suas convicções, projetos e paixões com nossos leitores.

Entrevista realizada por Iris Julia Bührle e Khaled Abu Hijleh

Como um artista pode contribuir para a paz e a compreensão mútua entre os povos?

Betty Shamieh: O artista ilumina toda a humanidade. O que é maravilhoso no teatro é que ele nos mostra até que ponto somos semelhantes, não apenas de um extremo a outro do mundo, mas também através das gerações. Ele nos diz, ao mesmo tempo, como e porque precisamos viver juntos em paz. O fato de uma obra de arte, em especial uma obra teatral composta na Antiguidade grega, poder nos comover ainda hoje comprova que existe uma única natureza humana, a um só tempo, reconhecível e imperceptível.

Ingebjørg Bratland: Para mim, a música é a linguagem do coração, e quando não se fala a mesma língua, nos resta a possibilidade de comunicação por meio da música. O mundo, às vezes, parece terrivelmente violento. Por isso, é fantástico poder encontrar-se e tocar juntos e, então, viver essa paixão. Assim, nos distanciamos do mundo, para criar esse espaço de liberdade.

Majd Shahin: A música é a língua dos povos. Com ela fazemos que os outros compreendam o que somos e o que sentimos.

Merlijn Twaalfhoven: Nos meus projetos, evito geralmente utilizar a palavra paz, porque ela gera muita expectativa e também momentos de decepção, ou mesmo de frustração. O que não me impede de refletir sobre as condições da paz. Para mim, ela encontra-se, entre outras coisas, no contato entre as pessoas. É por isso que me esforço para estimular os contatos e despertar o interesse. A arte é um excelente modo de ativar a curiosidade das pessoas, de não dar as respostas, mas sim de criar aberturas. Quando há abertura, quando nada está estabelecido, as pessoas aceitam segui-lo, porque querem conhecer a derradeira palavra da história e descobrir a verdade. Creio que é isso que pode levar à paz e ao entendimento. Fico feliz quando saio de um lugar, deixando uma soma de interrogações.

Quais dificuldades vocês encontraram durante a realização de seus projetos? Como vocês as superaram?

B.S.: Uma primeira dificuldade, ao abordar projetos complexos, é aceitar a própria incapacidade de explicar totalmente seu desenvolvimento. Os artistas, às vezes, evitam as questões controversas, porque acham que devem ter todas as respostas ou ser capazes de expressar-se de tal forma que nada possa lhes ser reclamado. Para mim, um artista deveria sentir-se livre para enganar-se de vez em quando.

Outro problema que frequentemente enfrento é que as pessoas acreditam saber tudo sobre minhas opiniões políticas. Sonho ver um dia o Oriente Médio parecer-se com a União Europeia. Evidentemente, a maioria das pessoas retruca que isso é impossível. Então, faço-os relembrar a situação em que a Europa se achava há um século: em cem anos, a Europa conheceu duas guerras mundiais, os países estavam ocupados uns pelos outros e destruíam-se entre si. Quero combater a opinião de que nada pode ser mudado no Oriente Médio.

I.B.: O único problema para mim foi de ordem linguística. Alguns artistas egípcios e palestinos quase não falavam inglês. Não é fácil fazer música em conjunto, quando não conseguimos nos comunicar verbalmente. Tínhamos, pelo menos, a música e tocamos juntos!

M.S.: Eu não tive problemas com a língua nem de cooperação com os músicos de outras regiões do mundo. Minha dificuldade foi musical. Sou percussionista e tenho dificuldade de tocar uma melodia norueguesa, cujo ritmo nada tem a ver com os da música oriental, com os quais estou acostumado. Mas foi uma rica experiência!

M.T.: No meu caso, tenho dificuldades, quando quero sair dos caminhos trilhados e convencer os outros a me seguir em direções desconhecidas. Então, vejo que as pessoas não compartilham obrigatoriamente minhas ideias. No Chipre, por exemplo, falei com muita gente sobre a reunificação da ilha e de meu desejo de reaproximar os dois lados (o norte e o sul, que formam dois Estados separados), graças à música; mas as pessoas não compreendiam aonde queria chegar nem quais eram minhas intenções políticas... A tal ponto que, por

fim, abandonei todas as minhas teorias e disse a mim mesmo: bom, vamos então tocar e escutar o que o outro lado tem a dizer. E tudo se esclareceu. No entanto, cometi muitos erros pelo caminho, pelo fato de complicar as coisas e na expectativa de que os outros tivessem os mesmos sonhos que eu. Cada um sonha de um jeito diferente, mas, a partir do momento em que se passa à ação, as pessoas motivam-se, e relações são construídas.

Como vocês definem o papel do artista, na vida social e política de seu país?

B.S.: Em todas as sociedades, o artista deve ser aquele que inspira. O que eu espero inspirar nos habitantes do país onde vivo, os Estados Unidos, é um desejo real de tornar-se cidadão do mundo, de descobrir outras culturas e de interessar-se pelo ponto de vista do outro.

Quando você vive entre duas culturas é também muito importante mostrar seus pontos comuns. Por exemplo: os artistas ocidentais, em seus trabalhos sobre o Oriente Médio, criticam frequentemente a condição feminina. Porém, nos Estados Unidos, as mulheres têm igualmente muito pouco poder político, econômico ou artístico! Um dos meus deveres, como artista, é, então, evocar essas semelhanças do destino das mulheres pelo mundo, porque é muito fácil observar outras culturas, mas as pessoas esquecem, às vezes, de olhar a sua própria. Como vivo em dois mundos ao mesmo tempo, sou obrigada a questionar-me sobre as diferenças fundamentais reais entre as culturas.

M.S.: Meu país, a Palestina, tem muitas mensagens e sonhos a compartilhar com o mundo. É isso que eu gostaria de fazer com minha música. Com certeza, a mensagem é diferente, se a gente se encontra na Palestina ou no exterior. Na Palestina, é preciso apoiar as pessoas. No exterior, deve-se explicar muitas coisas sobre o país. Apesar de tudo, sinto-me orgulhoso da riqueza cultural palestina que posso mostrar ao mundo.

I.B.: No exterior, fala-se da Palestina somente sob o ângulo da guerra, assim, é uma felicidade saber que lá também se faz música e que lá existe realmente vida cotidiana. Pessoalmente, como musicista na Noruega, penso que é importante que existam jovens que deem continuidade

à tradição musical do país, porque é preciso que ela continue a existir.

M.T. : Como artista, quero semear a confusão e destruir as aparências. As pessoas estão ávidas por definir o mundo que as cerca e etiquetá-lo. Por isso, é muito difícil fazê-los ver as coisas de outra forma. A confusão torna-se, então, necessária, para que compreendam que as classificações nada têm de imutável e olhem o que há por detrás delas. Tenho a sorte de poder ir a lugares fascinantes, mas esforço-me para permitir que outros me acompanhem. Quando vou à Síria, para mim é uma experiência sensacional, mas tento fazer que ocidentais, por intermédio de meus projetos, possam igualmente visitar esse país. Adoro compartilhar essa curiosidade, não quero vivê-la sozinho, no meu canto.

Nos Países Baixos, cruzo com muitos artistas obcecados pela qualidade da sua música, mas a maioria não se pergunta se poderia colocá-la a serviço de um mundo melhor. Graças à UNESCO, encontrei pessoas que não apenas têm ideias artísticas, mas também ideia do lugar da arte no mundo e das mudanças que ela pode provocar..

Como vocês veem o futuro imediato, após essa distinção promovida pela UNESCO?

M.T. : Esse título é muito importante para mim, porque trabalho fora das salas de concerto, dos festivais e dos programas de orquestras. Sou eu apenas com um pequeno grupo ou com colaboradores *freelance*, quase sem orçamento. Às vezes, chamo a atenção da mídia, o que é importante, mas, como meu trabalho não se enquadra nas infraestruturas culturais, é difícil de catalogá-lo e, em seguida, encontrar patrocínio e parceiros. Tal reconhecimento, por parte da UNESCO, dá visibilidade ao meu trabalho e aos meus sucessos. Espero também poder, durante os próximos anos, continuar os projetos já iniciados, como o *Al Quds Underground*, no leste de Jerusalém. Estou ainda bem no começo!

B.S. : Esse reconhecimento é muito importante para mim. É a primeira vez que sinto que minha dupla nacionalidade, palestina e norte-americana, é reconhecida: a UNESCO soube captar toda essa complexidade identitária. Vou continuar

Os jovens artistas da UNESCO

“Jovens artistas para o diálogo intercultural entre os mundos árabe e ocidental” é esse o título que a diretora-geral da UNESCO, Irina Bokova, outorgou, em abril passado, a um grupo de artistas, com menos de 35 anos. Essa distinção reconhece a excepcional contribuição ao diálogo e ao intercâmbio entre as culturas árabe e ocidental dos seguintes artistas:

Ruti Sela e Mayaan Amir (Israel), criadoras e conservadoras de museus, conceberam o projeto *Exterritory*, visando a reunir artistas e intelectuais vivendo em áreas de conflito, especialmente em Israel e no Território Palestino Ocupado.

Sidi Larbi Cherkaoui (Bélgica/Marrocos), bailarino e coreógrafo, produziu espetáculos que ilustram o encontro entre as culturas e a exploração da identidade.

Federico Ferrone (Itália), cineasta, fez vários filmes sobre a imigração, as periferias e a contribuição das comunidades estrangeiras à cultura de um país.

Faïza Guène (França/Argélia), romancista, descreve a realidade dos moradores de origem magrebina nas periferias francesas, questionando clichês e ideias preconcebidas.

JR (França), fotógrafo, está na origem do projeto *Face 2 Face*, que consiste em colocar, lado a lado, retratos de israelenses e de palestinos, exercendo a mesma profissão.

Ibrahim Maalouf (Líbano), trompetista, mistura os estilos ocidentais e orientais e trabalha com artistas do mundo inteiro.

Massar Egbari (Egito), grupo de músicos, está na origem do projeto *Music a Means of Intercultural Dialogue* (A Música como Ferramenta do Diálogo Intercultural), que consiste em convidar artistas ocidentais para concertos juntos.

Betty Shamieh (Estados Unidos/Território Palestino Ocupado), dramaturga, escreveu peças de teatro que enfocam as relações interculturais, especialmente as árabe-americanas.

Zuhail Sultan (Iraque), pianista, fundou, aos 17 anos, a *National Youth Orchestra of Iraq* (Orquestra Nacional Jovem do Iraque), que trabalha com vários artistas ocidentais.

Talent 2008 é um projeto, reunindo nove jovens intérpretes de música tradicional, europeus e árabes (Território Palestino Ocupado, Egito, Noruega).

Merlijn Twaalfhoven (Países Baixos), compositor e musicista, lançou projetos excepcionais na Jordânia, no Território Palestino Ocupado, na Síria e nos Países Baixos, nos quais a música cria laços e se torna símbolo de paz.

↓ Foto do grupo na UNESCO, por ocasião da entrega dos títulos de “Jovens Artistas para o Diálogo Intercultural entre os Mundos Árabe e Ocidental”, em 13 de abril de 2011.







Um imã, um padre e um rabino que concordaram em participar do jogo da amizade, no âmbito do projeto Face 2 Face, realizado por JR, em 2007, que cobriu mais de um muro, com retratos de israelenses e de palestinos exercendo a mesma profissão.

© Com a gentil autorização de JR: jr-art.net

a aperfeiçoar-me como artista, mas também gostaria de prosseguir os trabalhos de Juliano Mer-Khamis (ator israelense, diretor do Teatro da Liberdade, assassinado em 4 de abril de 2011), que fez um trabalho fantástico em Jenin (Cisjordânia). Não devemos deixar que o medo da violência nos impeça de continuar e de aspirar por um futuro ao qual o mundo inteiro tem direito.

I.B. : Adoraria visitar outros países e descobrir sua música tradicional. A música tradicional é um excelente meio para se descobrir a cultura dos outros, superior mesmo à música clássica, que, no entanto, é quase universal. E como já fomos ao Egito e à Noruega com o

Projeto Talento, seria bacana também visitar a Palestina e nela dar concertos!

M.S. : Seguirei minha trajetória de músico tradicional palestino, em meu país e no exterior. O título outorgado pela UNESCO me estimulará a seguir em frente na minha carreira de músico. Foi uma grande felicidade encontrar pessoas que me compreendem e me apreciam. Quando vejo que há, em muitos cantos do mundo, pessoas que compartilham as mesmas ideias, a gente se sente menos só! ■

Iris Julia Bührle, 29 anos, é historiadora de arte alemã e especialista em literatura comparada.

↓ Escada na favela Morro da Providência, Rio de Janeiro, Brasil, coberta por JR com o retrato de uma mulher, no âmbito de seu projeto *Mulheres São Heroínas*, agosto de 2008.



JR, a arte e o impossível

JR, autor das fotos que ilustram este artigo, faz parte do grupo de jovens artistas da UNESCO. Esse "ativista urbano" francês, de 28 anos, declara possuir a maior galeria do mundo: a rua!

Em 2001, JR começou a colar clandestinamente nas fachadas parisienses fotocópias das fotos de seus companheiros pichando paredes. Rapidamente, os temas diversificaram-se, e as dimensões de suas colagens cresceram, até atingir seis por oito metros, em 2004, em seu projeto *Retratos de uma Geração*, que o tornou famoso. Neste ano, fará uma exposição nas ruas de Nova Iorque, Los Angeles, Paris e Cité des Bosquets, em Montfermeil, um subúrbio parisiense desfavorecido.

Em março de 2007, realizou, juntamente com o amigo Marco, o projeto *Face 2 Face* (Face a Face), "a maior exposição ilegal nunca antes organizada". *Retratos gigantes* de israelenses e palestinos, exercendo as mesmas profissões, foram colados em várias cidades de Israel e dos Territórios Palestinos Ocupados. "*Face 2 Face* mostrou que o que acreditávamos ser impossível é possível e, até mesmo fácil", declarou, em 2 de março de 2011, por ocasião da cerimônia de entrega do prêmio TED, em Long Beach, nos Estados Unidos (www.tedprize.org).

Seu projeto *Women are Heroes* (As Mulheres São Heróis) levou-o, em 2008 e 2009, ao Quênia, ao Brasil, à Índia, ao Camboja. Na primavera de 2011, foi às pressas para a Tunísia, para cobrir, com suas fotos, as delegacias de polícia e as sedes de partidos políticos, no âmbito de seu projeto atual *Inside Out* (De Dentro para Fora). Em 10 anos, ele fez o que acreditávamos ser impossível. E com que facilidade – **J. Šopova**

Visite o site oficial de JR. www.jr-art.net

"Como artista, quero semear a confusão e destruir as aparências."

Merlijn Twaalfhoven

Patrimônio no Togo



O personagem animado do pequeno guardião do patrimônio, Patrimônio, nasceu em 1995. Ícone dos voluntários do patrimônio mundial, ele leva seus jovens companheiros à África, à América Latina, à Ásia e à Europa. Sob a coordenação do Centro do Patrimônio Mundial e do CCSVI*, os jovens voluntários engajam-se na preservação e na valorização dos sítios emblemáticos do patrimônio mundial.

KATERINA MARKELOVA

Se as *tatas* centenárias tivessem braços, eles teriam sido estendidos para acolher esses jovens, da mesma forma que as avós acolhem os netos. Há quatro anos, voluntários togoleses, franceses, suecos, japoneses e sul-coreanos encontram-se em Koutammakou, sítio do patrimônio mundial no nordeste do Togo, para cuidar dessas frágeis velhas senhoras.

Embora as *tatas*, esses habitats tradicionais de terra ladeados de pequenas torres, pareçam encarnar toda a sabedoria do povo batamariba, elas cedem, sob o peso da modernização, que impõe suas leis de construção fácil e rápida. A natureza também não as poupa, deixando uma paisagem bem triste de casas desmoronadas, depois da estação das chuvas, em agosto e setembro. Falta, até mesmo, o *neré*, cuja casca serve para preparar uma decocção com a qual se recobrem os muros das *tatas*.

Foi por aí que os jovens voluntários decidiram começar. A exemplo dessa árvore, cujo nome, bastante simbólico, significa “está bom”, em bambara, e que chega a buscar água a uma profundidade de 60 metros para oferecer frutos repletos de elementos nutritivos, os jovens decidiram atuar desde a raiz. O que pode ser melhor

do que plantar uma árvore que alimenta os habitantes do vilarejo e, ao mesmo tempo, serve de material impermeabilizante para as *tatas*?

Sob a direção da ONG togolesa *FAGAD-Frères agriculteurs et artisans pour le développement* (Irmãs Agricultoras e Artesãs pelo Desenvolvimento) e com apoio do projeto Patrimônio e do CCSVI, os jovens voluntários do patrimônio mundial identificaram e plantaram diferentes espécies vegetais em perigo que são usadas na construção das *tatas*. Foi assim que, em dois anos, o sítio ganhou 1.050 novas árvores, em uma área de 2.000 m². É uma primeira etapa, que consiste em reunir as condições necessárias para a restauração das *tatas* com os meios tradicionais.

Além dos aspectos materiais da cultura *tamberma*, outro nome dos batamariba, os voluntários procuraram participar na preservação de seus aspectos imateriais, associando-se à primeira edição do Festival *Tamberma*, do dia 26 ao dia 30 de março, de 2011.

“É a primeira vez que o Festival *Festamber* acontece”, explica Atti Y. Tata, jovem togolês, de 23 anos, responsável pelo acampamento que, este ano,

* Comitê de Coordenação do Serviço Voluntário Internacional.

acolheu sete voluntários. “Estávamos muito animados com a ideia de fazer parte dessa nova iniciativa, que destaca a riqueza de nossa cultura, nossas línguas, nosso artesanato e nossos produtos agroalimentícios locais.” Tantas preciosidades que, associadas às *tatas*, fazem do Togo uma etapa indispensável do turismo cultural na África Ocidental. “Para as pessoas que desconhecem totalmente essa cultura, como era o meu caso, esse festival é um ótimo meio para impregnar-se dela em apenas uma semana”, reforça Linda Gustafsson, voluntária sueca, de 24 anos. “Espero, de verdade, que ele continue existindo, porque ele também dá uma boa oportunidade aos próprios *tamberma* de olhar, de um outro modo, a riqueza do sítio de Koutammakou, dando-lhe mais valor!”

Instalados em Adeta, os jovens não se assustaram com a distância de quase 400 km que os separava de Koutammakou. Na falta de um veículo funcional, eles arranjam-se como possível: “A gente pega táxi, ônibus ou motos, tudo depende das condições da estrada”, conta Atti. O projeto parece ainda um tanto titubeante: “Nós devíamos ajudar nos preparativos do festival, mas, quando chegamos ao local, não restava muita coisa a fazer...”, diz Linda. Porém, mesmo que as coisas comecem bem devagarinho, o que conta é a vontade de descobrir e, acima de tudo, de envolver-se. ■

↓ Atti Y. Tata, em Koutammakou (Togo).



Maravilhas da criatividade

O voluntariado dos jovens oferece imensas possibilidades. Dê aos jovens exemplos a seguir, ofereça-lhes novas perspectivas, e obterá deles maravilhas da criatividade. Leve os jovens a sério, confie-lhes responsabilidades e um lugar na sociedade baseado na confiança, e eles vão superar-se.

O voluntariado existe em todas as sociedades do mundo. E mobiliza mais particularmente os jovens dos países em desenvolvimento que fornecem mais de 75% dos voluntários das Nações Unidas. Esses constituem um terço do pessoal civil internacional

das operações de manutenção de paz da ONU. Desde os primeiros engajamentos no início dos anos 1970, cerca de 40 mil pessoas representando mais de 170 nacionalidades ofereceram sua expertise em diferentes países.

O ano de 2011 marca a celebração do décimo aniversário do Ano Internacional dos Voluntários. É também o Ano Europeu do Voluntariado – mais uma ocasião para que os jovens façam valer seu direito à participação cidadã e redobrem esforços para construir um mundo melhor. ■

Programa dos Voluntários das Nações Unidas: <http://www.unv.org>

↓ Abertura do 13º World Scout Moot, no Quênia, em 27 de julho de 2010.



©WSB Inc. / Victor Ortega

Construir minha cidadania. É assim que defino minha experiência de voluntária das Nações Unidas. Participei recentemente da campanha “Una-se pelo fim da violência contra as mulheres”, iniciada pelo secretário-geral da ONU. Participei da criação de espaços de discussão, em diversas redes sociais, para sensibilizar a população boliviana para esse grave problema. Uma das lições que tiro dessa experiência recente, que durou seis meses, é a grande motivação e o

extremo profissionalismo da juventude voluntária. Somos jovens profissionais ávidos por aprender e contribuir para a edificação da justiça social.

O voluntariado é a ferramenta perfeita para canalizar o idealismo e a energia dos jovens. Apesar das aparências, a falta de experiência, em razão de nossa idade, é uma barreira facilmente superável. Isso porque, além de sua utilidade social valiosa, a participação cidadã, por meio do

O escoteiro queniano Josephat Gitonga, 28 anos, leva muito a sério o serviço prestado à comunidade. Ele chegou a fazer dele um “dever quase sagrado”, o que lhe valeu o reconhecimento da Associação dos Escoteiros do Quênia, que lhe confiou a direção do centro escoteiro de sua cidade, Embu, situada a cerca de 120 km a nordeste de Nairobi. Apaixonado e metódico, Josephat lança-se à aventura e atinge 200% dos objetivos! Com o apoio de seus colegas noruegueses, ele consegue fazer um centro aberto à comunidade e quase autônomo em termos financeiros, graças a um micro projeto de hotelaria e restaurante, que, além disso, gerou empregos.

Inicialmente, estava previsto que o centro acolheria atividades de escotismo somente de maneira esporádica. No entanto, o sonho de Josephat é transformar Embu em uma vila planetária. Os *Moots*, grandes encontros mundiais de escoteiros mais velhos (de 18 a 25 anos), nunca foram realizados na África. É mais do que hora de agir.

Contando com sua experiência, que lhe tornou conhecido inclusive entre os escoteiros da Ásia e da América Latina, Josephat Gitonga rapidamente conseguiu convencer a Associação dos Escoteiros do Quênia a apresentar a candidatura de sua cidade para figurar entre os três locais quenianos que acolheriam o 13º *World Scout Moot* (de 27 de julho a 7 de agosto de 2010). O sonho tornou-se realidade: mais de 1.000 jovens cidadãos do mundo instalaram-se na cidade de Embu, que nunca viu surgirem tantas amizades, tantos risos e tanta fraternidade, além de debates sobre os grandes desafios de nossa época. ■

Pierre Arlaud é estudante francês, de 25 anos, encarregado das relações exteriores da Organização Mundial do Movimento Escoteiro. <http://scout.org/fr/>

voluntariado, pode ser um meio para nós, jovens, para adquirir uma primeira experiência relativa aos princípios éticos dos quais depende a dignidade dos indivíduos e das comunidades. Essa forma de participação permite que nos posicionemos como agentes do desenvolvimento, e não mais como um grupo vulnerável. ■

Silvia Bellón, estudante espanhola de 23 anos

O esporte: apenas um ponto de partida

No momento em que os maiores nomes do esporte se enfrentavam em Joanesburgo (África do Sul) para conquistar a Copa do Mundo da FIFA 2010, 32 equipes de jovens chegavam de todas as regiões do mundo para participar de um torneio bem mais

insólito: “Futebol para a esperança 2010”.

Organizado pela rede *streetfootballworld*, pela FIFA, pelo Comitê Organizador Sul-Africano da Copa do Mundo 2010 e pela cidade de Joanesburgo, esse festival reuniu,

durante 15 dias, mais de 250 meninos e meninas provenientes de comunidades carentes: dos menores vilarejos do Camboja, aos bairros populares dos Estados Unidos, das favelas da Índia às favelas do Rio de Janeiro. Derrubando as barreiras culturais, eles encontraram-se por meio da linguagem do esporte. Ampliaram seus horizontes e ganharam a autoconfiança necessária para retornar a seus países de origem e forjar não somente seus próprios destinos, mas também, ao mesmo tempo, os de suas comunidades.

Permitir que jovens carentes melhorem suas condições é o objetivo da rede *streetfootballworld*, que reúne mais de 80 organizações. Afrontando calamidades, como o HIV e a Aids, a criminalidade ou o problema dos desabrigados, essas entidades usam o futebol para conduzir os jovens a programas de desenvolvimento social – e ali mantê-los. Em colaboração com seus parceiros, a *streetfootballworld* pretende atingir, a cada ano, dois milhões de jovens, em todo o mundo, até 2015.

O futebol pode ajudar a encontrar soluções para muitos problemas complexos demais para serem resolvidos pelos métodos convencionais. O jogo é apenas um ponto de partida. ■

www.streetfootballworld.org



© Football's Hidden Stories – Peter Dench

Jogos olímpicos da juventude

O Ano Internacional da Juventude (AIJ) coincide com o surgimento de uma nova tradição olímpica. Em agosto de 2010, apenas alguns dias depois da proclamação do AIJ pelas Nações Unidas, o Comitê Olímpico Internacional (COI)* inaugurava os Jogos Olímpicos da Juventude (JOJ). Eles combinam o esporte e as atividades educativas e culturais em um formato único, reservado aos jovens entre 15 e 18 anos. Esses novos Jogos oferecem um ambiente que favorece

as amizades duradouras e dá aos jovens a possibilidade de aproveitar as experiências de outros jovens e dos atletas que são seus modelos.

Os primeiros JOJ, que aconteceram em Cingapura, em 2010, atraíram cerca de 3.500 jovens do mundo inteiro, e os resultados ultrapassaram todas as expectativas. Os jovens participantes tiveram oportunidade de avaliar essa experiência, durante a 7ª Conferência Mundial sobre Educação, Esporte e Cultura, organizada em dezembro de 2010, em Durban (África do Sul), e copatrocinada pelo COI e pela UNESCO.

No espírito do tema da conferência, “Dar a Palavra aos Jovens”, os

adolescentes tiveram participação ativa no encontro, e os representantes recomendaram ao COI que alimentasse o espírito dos JOJ, durante o período entre os jogos.

Esse espírito já reina em Innsbruck (Áustria), onde já começou a contagem regressiva para a primeira edição dos Jogos Olímpicos de Inverno da Juventude, previstos para 2012. Paralelamente, a cidade chinesa de Nanjing prepara os segundos JOJ de verão, previstos para 2014. ■

Comitê Olímpico Internacional
www.olympic.org

* Em 19 de outubro de 2009, o COI obteve o estatuto oficial de observador junto à ONU.

Estrelas do luar

África, desemprego, favela: uma mistura letal que leva irremediavelmente os adolescentes ugandenses a se venderem e se destruírem. Até que um grupo de jovens decide tomar as rédeas da situação.

CAROL NATUKUNDA

De longe, o bairro de Kawempe, em Kampala (Uganda), parece, como todas as favelas, um mar de barracos com paredes de barro e tábuas. Ao aproximar-se, no entanto, a gente sente que há outra coisa: o cheiro de doença e de desespero paira sobre o bairro, como um anjo da morte. Os olhos das crianças voltam-se, meio desconfiados, para o visitante que passa, mas, corajosas, elas continuam a brincar, aqui e ali. Sem dúvida, elas nunca usaram pasta de dentes, mas pouco importa. Suas vozes inquietantes continuam ressoando, ao longe, enquanto a gente prossegue o caminho, em um amontoado de barracões construídos em terreno pantanoso. Porque é esta a particularidade de Kawempe: as favelas cresceram em uma zona úmida onde a maioria dos habitantes vivem na incerteza da próxima refeição.

Alto nível de desemprego, salários insignificantes, dependência total dos que ganham alguma coisa, taxas de pobreza que disparam e incapacidade de pagar serviços de saúde. Para superar as dificuldades, as mulheres geralmente encontram uma única saída: vender o corpo. Uma realidade que, há alguns anos, tocou profundamente James Tumusiime, jovem psicólogo, hoje com 30 anos. Logo que se formou, ele trabalhava como voluntário, no centro de saúde de uma favela de Kawempe, quando foi apresentado a uma jovem mãe de 19 anos. “Ela era

franzina e explicou-me que seus filhos ficavam doentes o tempo todo. Ela achava que fosse malária. Aconselhei-a a fazer um teste de detecção de HIV”, conta James, que, de repente, fica em silêncio. Ele permanece tanto tempo calado que pensamos que a entrevista havia terminado. “O teste foi positivo”, prosseguiu ele, finalmente: “Eu me senti muito mal. Ela chorava de cortar o coração. Eu disse que ela devia ter esperança, mas nunca mais a vi. Tentei, em vão, ligar para seu celular... e rezei para que ela não tivesse se suicidado”. Mesmo agora, ao narrar a cena, uma sombra passa pelo seu rosto.

Para o jovem psicólogo, foi o sinal. Ele decidiu, com sete colegas, “quebrar o gelo” e estender a mão a outras mães solteiras vulneráveis da região, cuja maioria tem a prostituição como único recurso, atividade proibida pela Constituição ugandense.

Origem do projeto

Outro jovem, que prefere guardar o anonimato, lembra que era assistente social, quando James o contactou. “Havia um programa da *Plan UK*, uma associação de caridade que cuidava somente de crianças. Acontece que, em geral, quando encontramos as crianças e perguntamos quem são seus pais, elas não sabem dizer. Era necessário, então, um projeto destinado aos profissionais do sexo que lhes permitisse assumir suas responsabilidades.” Outro, mais ou menos da mesma idade, relata histórias desoladoras de prostitutas brigando pelos mesmos “clientes”. Ele conta que um dia sua irmã foi agredida por uma

prostituta que pensou que ela era uma concorrente.

“Eu me lembro do dia em que lançamos o projeto Quebrar o Gelo. Passamos uma semana no bairro, inclusive durante a noite, para ver, com nossos próprios olhos, o que acontecia. O mais triste foi constatar que os próprios policiais procuravam ter relações com as mulheres. Isso até estimulou nossa vontade de agir, para mudar a situação”, ele conta. “Havia várias mães adolescentes que não sabiam quem era o pai dos seus filhos. Algumas tinham apenas 13 anos; outras ainda estavam na escola ou trabalhavam como garçonetes”, prossegue James.

Em 2007, o projeto Quebrar o Gelo é lançado. “Começamos com um grupo de uma dezena de mães que tínhamos encontrado e que relataram que se prostituíam e pedimos que nos indicassem outras”, conta James, coordenador do projeto. “Queríamos que elas se protegessem contra o HIV e a AIDS e as outras doenças sexualmente transmissíveis (DST). No final, reunimos 60 mães, que formamos como educadoras. Elas são ouvidas, por causa das suas experiências. Até mesmo um homem que se prostitui será mais atento à mensagem de uma mulher do que a de outro homem, no que se refere a como usar um preservativo”, ele observa.

A partir de 2009, o número de profissionais do sexo atendidas chegou a 3.000. A razão disso é que, durante esse período, com o apoio financeiro do governo japonês, a *Reproductive*



© Patrick Lagès

↑ *Solidão, sombra e luz, em algum lugar na África.*

Health Uganda abriu a clínica *Moonlight Stars* (Estrelas do Luar), que oferece conselhos e serviços gratuitos de testes de detecção de HIV e AIDS e outras DST. “Chamamos nossas clientes de ‘estrelas do luar’, porque não queríamos um nome que as marginalizasse”, esclarece James. Elas recebem um cartão com seu nome, para evitar que a clínica, onde o atendimento é gratuito, seja tomada por não beneficiárias.

Necessidade de novos doadores

Florence Kyeswa, a diretora do centro de saúde, conta que recebe, a cada semana, em média 70 clientes provenientes das favelas de Kawempe, a maioria sofrendo de DST. A ajuda financeira japonesa foi também utilizada para capacitar as “estrelas” em costura, cozinha, artesanato e mecânica. Como explica James, as beneficiárias são divididas em grupos de 20 pessoas, cada um recebendo o equivalente a 2.500 dólares aproximadamente como capital inicial. Com esse apoio, cada uma delas conta suas histórias: “Agora, com os meus filhos, eu consigo me virar, sem ter que ir para a calçada. Recuperei a confiança e, acima de tudo, vou poder ajudar a minha filha a começar a vida direito”, conta uma mãe

de 17 anos que se tornou vendedora de panquecas. Uma outra mãe, de 21 anos, soropositiva, confidencia: “Eu tinha chegado ao ponto de querer morrer. Não tinha mais forças para enfrentar o dia seguinte nessas condições. Agora, eu tenho acesso ao tratamento e aos preservativos e tenho uma máquina de costura. Graças a ela, nos dias bons, eu chego a ganhar por volta de cinco dólares.”

No entanto, segundo James, alguns profissionais do sexo, às vezes, se sentem tentados a voltar para a rua. Além disso, o projeto também sofre com a dependência da ajuda exterior, pois o dinheiro japonês terminou: por isso, as “estrelas” estão à procura de novos doadores. Apesar disso, o projeto atraiu diversas parcerias, entre as quais o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), que considera que os profissionais do sexo formam um grupo de alto risco, devido à propagação do HIV, e insiste, em razão disso, na necessidade de considerá-los de forma mais efetiva. “O HIV não se dissemina somente entre os casados, como se acredita: os profissionais do sexo são frequentemente deixados de lado”, observa James.

O projeto tem outras parcerias: *Uganda Youth Development Link* (Conexão Desenvolvimento para a Juventude de Uganda), uma associação de ajuda a crianças de rua e a outros jovens; e a ONG *Beads for Life Uganda* (Uganda Contas para a Vida), que ensina às mulheres ugandenses a confecção de bijuterias, por meio de papel reciclado. As duas organizações empenham-se em sensibilizar os jovens em todo o país, para que, juntos, assumam o comando de suas vidas. ■

Carol Natukunda, 28 anos, ganhou, em 2008, o Prêmio Africano de Jornalismo da Educação, outorgado pela Associação para o Desenvolvimento da Educação na África (ADEA).



© DR

→ Jovens aprendendo a tecer em um centro comunitário de Karachi, no Paquistão.

Percebe-se imediatamente a convicção de Khalida Brohi, nos seus olhos claros e no sorriso caloroso e único. Quem pensaria que essa moça franzina, nascida em uma aldeia, nos confins do Baluquistão, província do sudoeste do Paquistão, viria a ser, aos 16 anos, uma defensora da luta contra tradições assassinas seculares?

Noshan Abbas encontra
KHALIDA BROHI



A jovem *sughar* do Baluquistão

Tudo começou no dia em que Khalida Brohi, hoje com 22 anos, descobriu a existência do costume chamado *karo kari* (crime de honra). O *karo kari* é um assassinato ou um ato de violência extrema, cometido por homens contra mulheres de suas famílias, quando essas são vistas como motivo de desonra para a família.

Nascida em uma família na qual podia usufruir de grande liberdade, em comparação com as outras jovens, Khalida ficou horrorizada e decidiu imediatamente lutar contra essa tradição deplorável. Na impossibilidade

de agir diretamente contra as violências feitas às mulheres, ela começou a escrever poemas, denunciando o *karo kari*, e lançou uma forte campanha de sensibilização na comunidade.

Em uma sociedade religiosa e conservadora, onde tudo repousa sobre o adágio *zan, zar, zamin* (as mulheres, o ouro, a terra), os três grandes bens, dos quais depende a honra masculina, querer incitar os dirigentes comunitários a diferenciar os costumes ancestrais das práticas religiosas revelou-se mais perigoso do que a jovem havia imaginado.

Segundo I. A. Rehman, presidente da Comissão Paquistanesa dos Direitos Humanos (HRCP), "antigamente, o *karo kari* imperava nas zonas afastadas e tribais, agora, atinge cidades grandes, como Karachi, Lahore ou Peshawar, infiltrando-se mesmo nas regiões sedentárias. É uma verdadeira tragédia para as mulheres, principalmente porque esses crimes nem sempre são denunciados, embora isso tenha começado a mudar, a partir da lei de 2006 sobre as mulheres. Fala-se em um número aproximado, entre 800 e 1.000 assassinatos por ano. Esse número pode



© UN Photo/John Isaac

variar um pouco, de um ano para outro, mas continua sendo considerável.”

Enfrentando grandes dificuldades, Khalida participou, em 2004, da criação da associação *Participatory Development Initiatives* (PDI) (Iniciativas de Desenvolvimento Participativo), com o objetivo de defender ideias pioneiras, como o programa *Sughar* (termo que, na língua local, designa uma mulher experiente e autoconfiante). O programa *Sughar* luta contra os crimes de honra, ajudando as mulheres tribais a conquistarem sua independência econômica.

“Com o tempo, percebi que a maioria das vítimas desses crimes eram mulheres sem trabalho, pois as que têm salário mensal são valorizadas por suas famílias. Elas aprendem a fazer-se ouvir e contribuem em casa e na família”, salienta Khalida, acentuando o poder do dinheiro. Contudo, ela sabe que também é necessário mudar as mentalidades: “Há três causas principais de crimes de honra: a primeira, as políticas governamentais; a segunda,

o menosprezo total em relação às mulheres; e a terceira – sem dúvida a principal –, o fatalismo com que as próprias mulheres aceitam o costume”. Antes mesmo de tentar mudar as mentalidades, Khalida confrontou a fúria do patriarcado. Ela foi ameaçada de morte e teve que deixar sua região natal.

Tradição contra tradição

“Em 2008, a segurança da nossa associação foi ameaçada”, lembra Khalida. “Enfrentamos a oposição de alguns responsáveis religiosos e comunitários. Tivemos de abandonar tudo e fugir.” Seu pai enviou-a imediatamente para Karachi, em segurança, para concluir seus estudos.

Entretanto, estava fora de questão abandonar causa tão sensível. “Quando tudo acabou, eu continuava perguntando-me que erro eu tinha cometido. ‘Eu respeito a tradição’, disse a mim mesma; e, de repente, entendi que o que tinha de ser feito era promover tradições positivas que contribuíssem para acabar com os crimes de honra.

Foi assim que, com um grupo de amigos, começamos a trabalhar com as populações locais, fazendo delas nossas aliadas.”

Uma vez adotada essa estratégia do diálogo, ainda foi preciso muita perseverança por parte de Khalida e de sua equipe para chegar a um resultado. “Nós continuamos a defender a mesma causa, mas de modo menos agressivo”, explica. Ela, então, começou a desviar as tradições locais a seu favor e a enfrentar os mesmos dirigentes tribais que antes a tinham ameaçado: “Na nossa cultura, nunca se manda alguém embora de sua casa. É algo que não se faz”. É então que, acompanhada por seu grupo, ela se apresentou, na casa de um desses patriarcas, obrigando-o, assim, a escutá-la e a responder aos jovens obstinados. “Nós nos dirigimos a ele no seu idioma e lhe explicamos que queríamos incentivar tradições regionais como os bordados, a música ou a poesia.” Três responsáveis responderam ao apelo, e alguns imãs até começaram a pregar, em favor dos direitos das mulheres, em nome do Islã.

Além de promover tradições locais positivas, graças aos trabalhos de bordado que são depois comercializados pela PDI, os centros *Sughar* oferecem às mulheres oportunidade para uma relativa tranquilidade financeira, além de uma formação que agrega valor e de educação básica, em áreas como matemática, escrita e saúde reprodutiva. Khalida tem ali uma porta aberta para sensibilizar contra os crimes de honra: “As mulheres são muito pouco informadas, mas nós nos esforçamos para mudar isso, evocando o direito das mulheres no islamismo... Assim, podemos ter certeza de que seremos ouvidas”. Convencida de que a passividade das mulheres é a primeira causa da persistência desses crimes, Khalida visa às mulheres, mas não negligencia o apoio dos homens. Multiplicando as ferramentas criativas – torneios de críquete, teatro interativo, SMS, rádio FM, infoativismo e sensibilização digital –, a PDI milita pelos direitos das mulheres, educando os homens: obtido o consentimento dos dirigentes tribais, organizam-se debates para os homens, retomando os argumentos do Islã.

Quando pedimos para que avalie sua ação, ela responde: “De 14 mulheres



© Participatory Development Initiatives (PDI)

↑ Khalida Brohi (na frente, à esquerda) com beneficiárias do programa Sughar.

na equipe, passamos a 40 membros, tanto homens como mulheres. É um sinal de que as atitudes estão mudando. Ouvi falar de crimes de honra nas regiões próximas, mas, na minha comunidade, isso não acontece há três anos.”

Um modelo de coragem

Com suas próprias economias e o apoio financeiro de diversas associações, Khalida abriu vários centros *Sughar*, em diferentes distritos do Baluquístão, tornando-se membro do *Unreasonable Institute*, vencedora do *Young Champion Award* e bolsista da *YouthActionNet*. Ela criou uma página no *Facebook*, intitulada *Wake Up Campaign Against Honour Killing* (Campanha para o Despertar contra os Crimes de Honra), que alerta seus membros sobre a questão e divulga informações. Khalida, contudo, tem consciência de que, mesmo com o apoio da sua família, de várias ONGs internacionais e de sua equipe, ainda restam oponentes intransigentes à sua causa: “Na comunidade, eles são uma minoria. Ficam em silêncio, mas eu sei que eles esperam um tropeço nosso. Por isso, eu cuido para que não cometamos nenhum erro.”

Estendendo sua ação em favor das mulheres, a PDI apoiou o programa de distribuição de terras às camponesas sem terra da província de Sind,

iniciado pelo governo de Benazir Bhutto. A PDI lançou o programa Terras para as Mulheres e assegurou o acompanhamento desse processo. Depois, constatando irregularidades, a ONG pediu ajuda à Oxfam. A rádio local foi utilizada para explicar a nova política referente às terras nas zonas afastadas, uma ajuda foi dada para preencher os formulários, e meio de transporte foi posto à disposição das mulheres que tiveram de entrar com uma ação na justiça, acompanhada de assistência jurídica. “Em três anos, o programa obteve terrenos para a metade das 3.000 mulheres participantes.”

Entre idas e vindas entre o Baluquístão e Karachi, onde está terminando seus estudos em relações internacionais, sociologia e economia, Khalida também levantou fundos para ajudar as vítimas das inundações, no Sind. Com o apoio da Oxfam e da Fundação Rockdale, ela reuniu fundos para 25.000 famílias da região, socorreu 12.000 pessoas e participou da reconstrução.

Olhando para trás, ela acha que o mais difícil foi preservar sua reputação – um conceito eminentemente cultural, em uma sociedade onde a honra é sagrada, portanto, vital. “A questão da respeitabilidade da mulher entra em jogo, cada vez que ela põe um pé fora de casa”, lembra ela. Seus pais sempre foram um modelo e um apoio, mas

Khalida lembra-se, rindo, de que sua mãe ficou zangada – “Você nunca vai arrumar um marido!” –, quando ela foi convidada a ir a Sydney, para o lançamento da parceria da Oxfam para a juventude.

Pondo de lado qualquer relação primária com o real, Khalida levanta a cabeça, mais decidida do que nunca a salvar vidas e inculcar nas mulheres o instinto de proteção e de defesa do seu direito fundamental de existir. ■

Noshan Abbas, 26 anos, é jornalista paquistanesa e vive em Islamabad. Ela trabalha para a *Al Jazeera* e para as cibernídias *BBC Urdu* e *BBC South Asia*. Elaborou o primeiro Marco Estratégico paquistanês para os adolescentes.



© Numair Abbas



← O bairro Shibuya, em Tóquio, é um símbolo da sociedade de consumo japonesa.

a localizar seus familiares”, recorda Hironori. A partir desse momento, sua atitude com relação ao trabalho e ao dinheiro mudou totalmente: “Eu não podia mais trabalhar em um projeto, sem me perguntar: ele vai ajudar alguém? Eu me dei conta de que a importância de um projeto se media mais por seu impacto sobre a sociedade do que pelo benefício econômico que ele proporcionava.”

Felicidade interna bruta

Já em 1968, o senador americano Robert Kennedy, em seu famoso discurso de 18 de março, questionava a noção de progresso: “Nosso PIB é agora estimado em mais de 800 bilhões de dólares anuais, mas ele inclui a poluição do ar, a publicidade do tabaco e as corridas das ambulâncias enviadas para recolher as vítimas de acidentes em nossas estradas...”, indicava ele. “Em compensação, ele não leva em conta nem a saúde de nossas crianças, nem a qualidade de sua educação, nem a alegria de suas brincadeiras [...]. Ele não mede nossa inteligência, nem nossa coragem, nem nossa sabedoria, nem nosso nível de estudo, nem nossa capacidade de compaixão, nem nossa dedicação ao nosso país. Em síntese, o PIB mede tudo, menos aquilo que faz que a vida valha a pena ser vivida.”

Por sua vez, Jigme Singye Wangchuck, o antigo rei do Butão, preconizava, em 1972, um índice de referência alternativo que medisse a prosperidade de um país, em função da felicidade e do bem-estar de seus habitantes: o índice de Felicidade Interna Bruta (FIB).

Desde então, muito já se escreveu sobre esse tema, e, no Japão de hoje, o PIB não pode mais constituir o principal índice de prosperidade. Os últimos dez anos – ou seja, bem antes do terremoto – uma revolução dos valores ocorreu no seio da sociedade japonesa, principalmente entre os jovens, que tendem mesmo a ver com bons olhos a estagnação econômica que hoje afeta o Japão.

“Nossa atividade econômica era descomunal e descontrolada. Desde que eu era pequeno, tenho a impressão de que tudo ao meu redor é excessivo”, declara Youki Amagai, estudante de 23

Uma revolução que não diz seu nome

HIROKI YANAGISAWA

Já fazia um bom tempo que a juventude japonesa tinha começado a se questionar sobre os benefícios de uma sociedade obcecada pelo crescimento econômico. Quando o terremoto e o tsunami atingiram o país, em março passado, algumas vozes manifestaram-se em favor de uma mudança profunda no sistema de valores japonês, passando a dar prioridade ao bem-estar social e à solidariedade.

No dia 11 de março de 2011, o Japão foi atingido por um terremoto de violência sem precedente na história moderna, seguido de um terrível tsunami.

Resultado: mais de 14.000 mortos e 10.000 desaparecidos. Apenas 15 horas depois do terremoto, Hironori Nakahara, diretor *web* de 32 anos, tinha conseguido lançar, com seus amigos, o *site* “*buji.me*”, que coleta e exibe informações relativas à segurança e à situação de cada vítima, cidade por cidade. *Buji* significa segurança, em japonês.

“A primeira ideia que tive era esta: como ajudar as vítimas? Em uma situação como essa, é preciso reagir rapidamente, para salvar o maior número de vidas possível”, observa Hironori.

Ele deixou seu apartamento, no centro de Tóquio, e caminhou, durante três horas, antes de chegar à casa de sua amiga, perto do bairro moderno

de Shibuya. Foi lá que Hironori e seus amigos se reuniram, para discutir o que poderiam fazer, e foi lá que nasceu a ideia do “*buji.me*”.

“Comecei a escrever a primeira linha do código do *site* às 18 horas, cinco horas depois do terremoto, e conseguimos pôr o *site* em funcionamento, a partir das seis horas da manhã do dia seguinte. Dormi muito pouco, durante os cinco dias seguintes, dedicando todo o meu tempo a melhorar o *site*, para que ele pudesse abrigar o máximo de informações possível sobre as vítimas.”

Se Hironori e sua equipe tivessem faturado esse projeto, o montante teria chegado perto dos 50.000 dólares. A recompensa que eles receberam, no entanto, é impossível de medir: “Graças a esse projeto, recebemos inúmeras mensagens emocionantes de pessoas que nos agradeciam por tê-las ajudado

anos, originário de Chiba. “Reconheço que o dinheiro é necessário para viver, mas não é algo que responda às minhas verdadeiras necessidades. Em vez de fazer compras, prefiro visitar as pessoas mais velhas e trocar ideias com elas. O que me interessa, particularmente, é discutir o que podemos fazer para melhorar nossa sociedade, especialmente em matéria de meio ambiente, e mobilizar as pessoas para agir”, continua ele.

Depois da adoção da lei sobre as associações sem fins lucrativos, em 1998, o setor está em plena expansão no Japão. Inúmeras pessoas passaram e envolver-se em atividades de voluntariado. “No que diz respeito aos bens materiais, o Japão chegou ao ápice da sofisticação, mas um exame do sistema social do país mostra claramente que há muitas falhas e lacunas. Muitos jovens ativos e organizações sem fins lucrativos se esforçam para preencher esse *deficit*”, constata Ikuma Saga, fundador da *Service Grant*, principal agência japonesa encarregada de pôr os voluntários em contato com as associações.

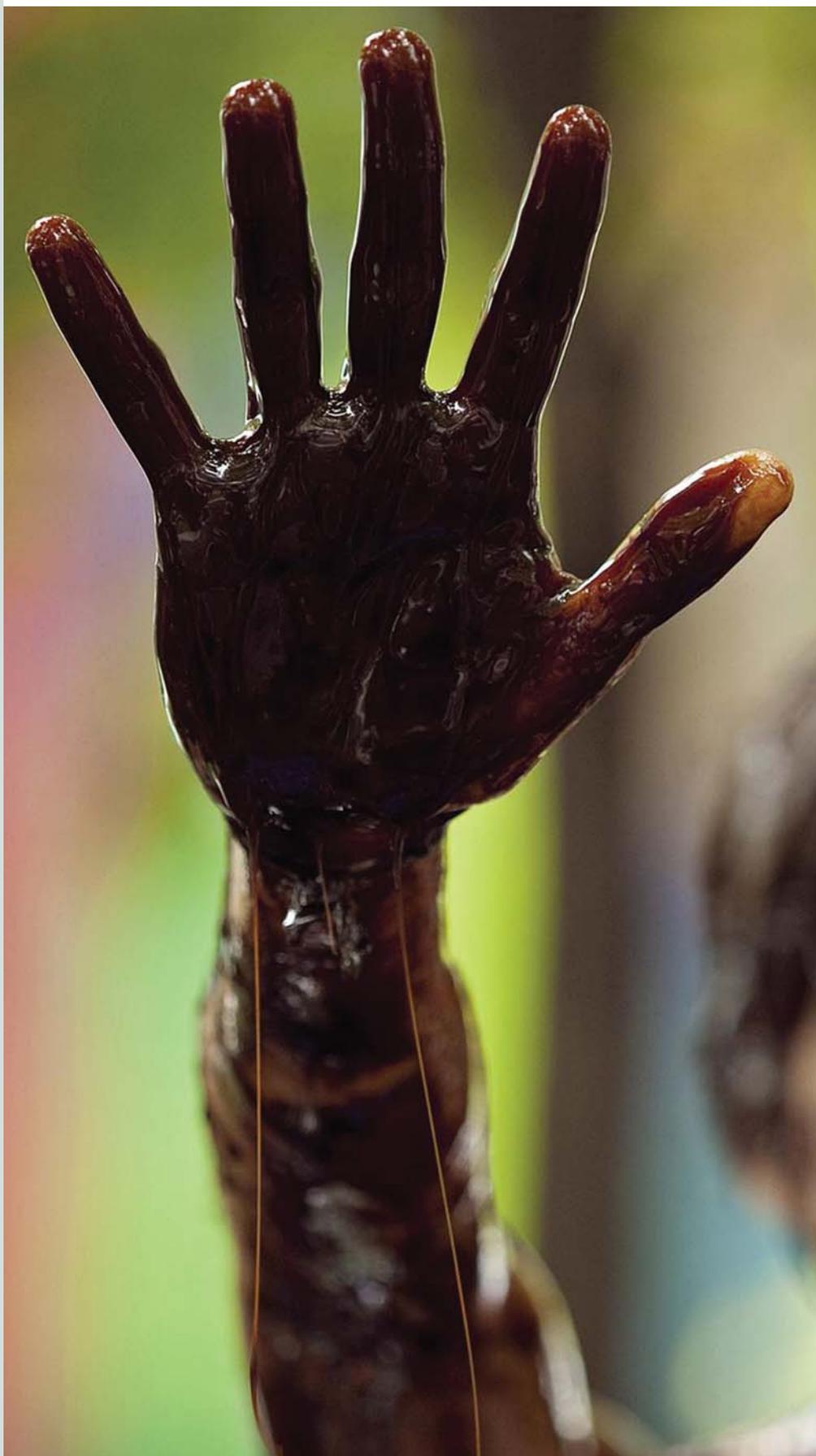
Em vista do recuo constante do crescimento demográfico japonês, é possível que um número cada vez maior de países ultrapassem o PIB do Japão no futuro próximo, mas não há razão para inquietar-se. O Japão certamente torna-se mais feliz e mais forte, graças à sua juventude. ■

Hiroki Yanagisawa, 33 anos, é jornalista *freelance* e fundador do *EDGY JAPAN* (edgyjapan.jp), um *site* multimídia que apresenta e relaciona talentos, produtos e *sites* criativos no Japão. Hiroki vive e trabalha entre Tóquio e Hong Kong.



© Terrie Sato

Eles são jovens, eles estão interconectados e eles querem participar do debate: jovens de todo o mundo lançaram um movimento internacional para ter voz no capítulo das conferências sobre as mudanças climáticas. Porque se trata do futuro deles.



Rebeldes

Manifestação contra a indústria mineradora e petrolífera em Montreal (Canadá), por ocasião do Congresso Mundial da Energia, em setembro de 2010.

© François Pesant / Greenpeace

com causa

JENS LUBBADEH

“Eu sou apenas uma criança, e não tenho todas as soluções, mas quero que vocês compreendam que vocês também não têm!”

Em 1992, Severn Cullis-Suzuki tinha apenas 12 anos, quando pronunciou seu famoso discurso na Cúpula da Terra das Nações Unidas, no Rio de Janeiro (ECO-92). “Vocês não sabem como reparar a camada de ozônio. Vocês não sabem como trazer de volta o salmão em águas poluídas. Vocês não sabem como trazer de volta à vida animais que agora estão extintos. E vocês não podem trazer de volta as árvores das zonas que agora são desertos. Se vocês não sabem como recuperar tudo isso, por favor, parem de destruir!”

Quase 20 anos mais tarde, a intervenção de Severn Cullis-Suzuki não foi esquecida. Ela ainda faz o maior sucesso no *YouTube*. “A menina que calou o mundo durante seis minutos”, diz o título do vídeo, que, até hoje, continua a emocionar.

Severn Cullis-Suzuki é canadense, mas tomou a palavra em nome de todos os jovens e as crianças deste mundo, principalmente daqueles que não tiveram a sorte de crescer em um país rico, como o dela. Um terço da humanidade é jovem. São dois bilhões de pessoas que, em geral, não têm voz política. Sua sorte está nas mãos dos

adultos. “Vocês decidem sobre o mundo no qual nós vamos crescer”, declarava Severn.

Herdeiros endividados

O conflito de gerações é real: os jovens deram-se conta de que os adultos lhes deixavam uma dívida, ao mesmo tempo econômica e ecológica. Em 2010, a dívida dos 27 Estados-membros da União Europeia (UE) chegava a 8,7 bilhões de euros. Um trilhão é um número difícil de imaginar... O equivalente a mil bilhões, ou seja, o número 1 seguido de 12 zeros. Cada criança europeia nasce com um déficit de cerca de 17.000 euros em sua conta. Esse endividamento traduz a falta de coragem política que consiste em descartar aqueles que não podem se defender, porque são jovens demais ou ainda nem nasceram.

A dívida ecológica que vem sendo acumulada por várias gerações, há quase um século, é colossal. Consumimos mais energia e recursos fósseis do que o planeta pode suportar. Desde o início da industrialização, o homem libera quantidade cada vez maior de CO₂ na atmosfera. O efeito estufa aquece o planeta: a temperatura média na Terra aumentou 0,74° C, desde 1905. A primeira década do século XXI foi, de longe, a mais quente, desde que as temperaturas começaram a ser registradas. As consequências da mudança climática já se fazem sentir: a calota polar ártica recua, o número de

catástrofes climáticas aumenta, o nível do mar eleva-se, as geleiras derretem.

“Não herdamos a Terra de nossos antepassados, nós a tomamos emprestada de nossos netos”, lê-se no *site* do Movimento Internacional dos Jovens para o clima (<http://youthclimate.org>). Esse provérbio ameríndio enfoca o problema de forma apropriada: são os jovens de hoje que vão pagar a crédito os custos de nosso modo de vida. “Na medida em que nos dirigimos para um mundo em que será necessário limitar as emissões de carbono, são os jovens que suportarão todas as conseqüências futuras das ações presentes da humanidade”, prossegue o texto do *site*.

O Movimento dos Jovens pelo Clima congrega pessoas do mundo inteiro. Há escritórios antenas em vários países, em todos os continentes. Desde a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, organizada em 2005, em Montreal (Canadá), cada membro, em âmbito nacional, envia representantes aos encontros mundiais sobre o clima.

“Nossa geração entendeu que os povos do mundo inteiro serão afetados pela mudança climática e que nós todos temos o dever de agir”, explica Neva Frecheville, 29 anos, membro da coalizão britânica, onde ela coordena o envolvimento internacional. Está claro que os jovens de hoje não querem mais assistir passivamente às decisões dos adultos sobre sua sorte: “Começamos a mostrar que nós não vamos aceitar essa situação e que vamos mudar as coisas à nossa maneira”, acrescenta Neva.

Em 2009, as seções nacionais formaram a YOUNGO, associação que preconiza redução de 85 % de CO2 em escala mundial, até 2050 (com relação a 1990). A YOUNGO foi oficialmente reconhecida como grupo que representa os interesses jovens no seio da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (CCNUCC). Esse status é provisório, mas deve mudar em breve. “O ano de 2011 é crucial para o YOUNGO, pois seu status será examinado, para ser oficializado”, explica Christiana Figueres, secretária executiva da CNUCCC. “Entretanto, essa oficialização não vai significar o ‘início’ do compromisso, pois, desde 2000, os encontros da CNUCCC contam com a participação de crianças e jovens.”



© Jason deCaires Taylor/Greenpeace

↑ *Cena de “Silent Evolution”, instalação submarina do artista britânico Jason de Caires Taylor, que evoca os perigos da elevada elevação do nível do mar. Criada ocasião da Conferência Mundial sobre Mudanças Climáticas (COP16) de 2010, em Cancun, no México, ela põe em cena jovens que fazem evoluções em um universo de 400 esculturas submersas.*

Por ocasião das conferências sobre o clima de Copenhague (Dinamarca) e de Cancun (México), os jovens expressaram-se pela primeira vez com uma mesma e única voz. Na verdade, eles ainda não puderam participar das decisões, juntando-se às negociações. “Assim como outras associações da CNUCCC, a YOUNGO tem somente status de observador. Não podemos tomar parte nas negociações, mas podemos fazer lobby, para tentar influenciar as decisões. O reconhecimento do status de observador permite aos jovens ter acesso mais facilmente ao processo, aos negociadores e ao secretariado”, explica Neva. Christiana Figueres confirma isso: “Esse status

facilita as trocas de informação entre os jovens e o secretariado e ajuda a orquestrar a participação ativa dos jovens representantes, no momento das reuniões da CNUCCC”. Além disso, “os membros da YOUNGO também são convidados a tomar a palavra, o que permite que os jovens do mundo inteiro se expressem no âmbito mais elevado da CNUCCC”, afirma Neva.

É importante destacar que, há seis anos, os jovens militantes organizam regularmente sua própria conferência, que acontece sempre alguns dias antes das conferências mundiais sobre o clima.

Nem tão apolíticos assim

Diz-se frequentemente que os jovens de hoje são apolíticos. Analisada de

perto, a realidade é mais complexa. É verdade que os jovens demonstram pouco interesse pela política tradicional, menos ainda pelas pessoas que a exercem. Eles não veem com bons olhos os partidos e os políticos: somente cerca de um terço dos europeus com idades entre 16 e 29 anos confia neles. Esse número não é maior entre as pessoas mais velhas. Cécile Lecomte, jovem francesa de 29 anos, milita pelo meio ambiente. Ela vive em Lüneburg, no norte da Alemanha. Cécile destacou-se por suas ações espetaculares de bloqueio de trens que transportam lixo atômico, suspendendo-se acima das ferrovias. Segundo ela, “o desinteresse político não é próprio dos jovens”.

O pouco envolvimento político tradicional dos jovens certamente está ligado à perda de confiança nos políticos. Segundo o Eurostat*, apenas 4 % dos jovens europeus são membros de um partido; e apenas 16 % pensam que a via parlamentar é a melhor maneira de fazer-se ouvir.

Na realidade, eles envolvem-se em política de outra maneira: “Somos extremamente politizados, e essa tendência vai crescendo, porque nos sentimos cada vez mais excluídos e decepcionados”, afirma Neva. Os jovens europeus acham que o compromisso político extraparlamentar – organizar debates (30 %), participar de manifestações (13%) ou apoiar uma petição ou ONGs (11%) – é bem mais eficaz. Cécile também pensa assim.

Ela acha que o envolvimento dos jovens em ações de protesto literalmente explodiu nos últimos anos.

Essa tendência é observada no mundo inteiro, em particular nos países onde a via política tradicional está bloqueada, por falta de democracia. “Inúmeros movimentos conduzidos por jovens nasceram recentemente, tanto no Reino Unido, na questão dos custos escolares, como em países como o Egito e a Tunísia”, comenta Neva. “Os jovens europeus se unem para esquivarem-se das ONGs ‘adultas’ e influir sobre a política da UE.”

Para Christiana Figueres, é ainda mais importante que os jovens se envolvam em âmbito nacional: “Eu encorajo, sem cessar,

Os números relativos à juventude europeia citados neste artigo têm como fonte: EUROSTAT. Youth in Europe: a statistical portrait. 2009.

© Boy Scouts of the Philippines



↑ Escoteiro limpando a baía de Manila, no projeto Ticket to Life, Filipinas.

os jovens a participar ativamente no desenvolvimento de capacidades de negociação e de políticas ambientais em seus países”, afirma ela. “Internamente eles podem incitar mais seus governos a tomar medidas a longo prazo, fazendo-os entender que é a geração futura que será a mais afetada pela mudança climática.”

É interessante constatar que a confiança dos jovens nas instituições é bem maior que sua confiança nos próprios políticos. As instituições supranacionais são ainda mais cotadas: 70 % dos jovens apreciam o Parlamento Europeu e as Nações Unidas. Nisso, os jovens diferenciam-se claramente das pessoas mais velhas. Eles provavelmente não pensam mais tanto em termos de fronteiras e veem a formação de redes e a cooperação como elementos positivos que inspiram confiança. Neva confirma isso: “Os jovens mostram que é possível pôr de lado os interesses nacionais, a fim de colaborar para o bem comum”.

A influência da internet certamente tem alguma relação com isso. Em 2008, 70% utilizavam a *web* todos os dias, e esse número está crescendo nos últimos anos. Quanto a isso, igualmente, observa-se verdadeiro fosso entre as gerações: os jovens dominam melhor as possibilidades da internet que as pessoas mais velhas. As redes sociais, o *Twitter* e os *chats* são muito mais usados e marcam novo estilo de

relacionamento e de contato: “Nós utilizamos mídias sociais inovadoras de maneira bem mais eficaz que os representantes mais velhos da CNUCCC”, explica Neva. “Somos mais criativos, inovadores e lúdicos, porque nós não somos influenciados por estilos e hábitos de campanha ultrapassados, nós criamos, o tempo todo, novas abordagens. Nosso discurso, muitas vezes, é bem mais positivo, mais ‘pró’ que ‘anti’. Nós tentamos imaginar o futuro no qual queremos viver.”

Jens Lubadeh, 36 anos, é jornalista no *Greenpeace Magazine*, Alemanha, e correspondente do “Correio da UNESCO” desde 2009.



© Claudia Wüstenhagen

É isto ou nada

Em dezembro de 2009, em Copenhague, na Dinamarca, médicos diferentes abordavam transeuntes, propondo-lhes *check-up* e oferecendo-lhes prescrições. Apesar da vestimenta tradicional que portavam, sua atitude contrastava com a imagem que se tem de médicos chineses idosos e sábios. E com razão: eles não eram médicos, assim como os transeuntes não eram doentes. No entanto, seu diagnóstico sobre nosso planeta era bem real.

ZHAO YING

Zhan Yufeng trabalha 12 horas por dia, sete dias por semana. Esse jovem de 24 anos comanda a *China Youth Climate Action Network* (Rede de Ação para o Clima dos Jovens Chineses – CYCAN) uma associação sem fins lucrativos. “Meus dias são muito cheios. Passo meu tempo, capacitando voluntários, coletando fundos, encontrando parceiros”, explica ele. “Às vezes, passo a noite no escritório.”

No ano passado, Zhan obteve diploma de arte e *design* do Instituto da Moda de Pequim. Quando foi convidado a participar da preparação de uma campanha do CYCAN para a Jornada das Nações Unidas, no dia 24 de outubro de 2009, Zhan não sabia muita coisa sobre mudanças climáticas.

Apesar disso, ele criou o logotipo, os cartazes e os folhetos dessa campanha, que acabou por atrair grupos de estudantes de 200 universidades de todo o país e cerca de 50 ONGs. A campanha atingiu mais de cinco milhões de pessoas. “Durante um mês, trabalhei duro com inúmeros voluntários. Virei dependente disso. Foi como amor à primeira vista”, lembra Zhan.

Mais de 30.000 jovens participaram diretamente dessa jornada, patrocinada

pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e por outras organizações. Realizaram *happenings*, utilizaram ventiladores para fazer derreter montanhas de neve e pintaram-se de azul para lembrar ao público que o nível do mar sobe sob o efeito do aquecimento global, e também usaram bicicletas ou *skates*, em vez de carros, para seus deslocamentos.

“Meus companheiros eram apaixonados e dinâmicos. Senti sua dedicação, sua perseverança e sua energia”, explica Zhan, acrescentando que esse evento lhe mostrou outra vertente da sociedade consumista, em que os jovens se empenham a fundo por um planeta mais verde e um futuro mais limpo.

Depois dessa campanha, os responsáveis do CYCAN começaram a recrutar candidatos para a 15 Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP-15), realizada em Copenhague, na Dinamarca, em dezembro de 2009, constituindo, assim, a primeira delegação de jovens chineses chamada a participar de discussões internacionais sobre o clima.

O que estava em jogo era fundamental, porque eles tinham-se dado conta de que um único jovem chinês estivera presente nas negociações



sobre o clima de Poznan (Polônia), em 2008, enquanto centenas de jovens dos Estados Unidos, da Europa e das outras regiões do mundo tinham participado dos debates.

Zhan hesitava: “Eu achava que meu inglês não era suficientemente bom para participar de uma conferência internacional. Eu tinha medo de não estar à altura”. Contudo, ele acabou juntando-se à delegação como fotógrafo e programador.

Além de criar lemas, camisetas e cartazes e de garantir a cobertura fotográfica da Conferência, Zhan e seus companheiros organizaram eventos, como esse “diagnóstico de um planeta doente”: vestidos de médicos tradicionais chineses, eles propunham “*check-ups*” aos participantes. Quem assinava a petição contra o aquecimento global recebia “prescrições”, para lutar contra os males do planeta.

A equipe também conseguiu debater com eminentes responsáveis chineses e estrangeiros, correspondentes de imprensa e negociadores climáticos, como o vice-ministro chinês da Comissão sobre o Desenvolvimento do Estado e a Reforma, Xie Zhenhua, ou o secretário do comércio norte-americano, Gary Locke.



© Com a amável autorização de Zhan Yufeng

← Zhan Yufeng participa de manifestação em Copenhage, Dinamarca, durante a 15ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP 15), exibindo o lema de sua associação.

profissional, como previsto, seu salário seria, sem dúvida, três vezes mais alto. Porém, diz ele, “eu não tenho pressa de ganhar dinheiro. Na minha idade, o que conta é aprimorar as competências gerais. O CYCAN é um lugar onde eu posso aprender constantemente, entrando em contato com pessoas de diferentes áreas”.

A coleta de fundos e a organização dos voluntários são, para ele, uma preocupação. No ano passado, os funcionários do CYCAN passaram três meses sem receber seus salários. “Nós sofremos, mas resolvemos o problema, com a apresentação de planos construtivos às fundações a aos patrocinadores”, diz ele.

Algumas lideranças também deixaram a CYCAN, para iniciar novas carreiras ou estudar no exterior, o que obrigou a organização a procurar novos integrantes. “Na China, existem inúmeras associações de jovens, mas eles precisam, com urgência, melhorar suas habilidades, se quiserem ser ouvidos”, conclui ele. ■

Seu lema era *No Other Way* (É Isto ou Nada). Sua sigla, NOW (agora), chama à ação imediata para reduzir as emissões de carbono e deter o aquecimento global.

Escutar não é suficiente

A COP-15 revelou a Zhan o atraso dos jovens chineses, especialmente em termos linguísticos. A maioria de seus companheiros entendiam o teor dos discursos, mas somente alguns conseguiam expressar-se em inglês. Em compensação, Zhan ficou impressionado com o profissionalismo dos outros jovens delegados estrangeiros: “Experientes, totalmente por dentro dos mecanismos e das políticas da conferência... Eles apresentaram propostas geniais, e nós, nós escutamos”.

As universidades chinesas, na verdade, oferecem poucas formações especializadas em questões climáticas, e os jovens militantes chineses, poucas vezes, têm oportunidade de trocar informações sobre esse assunto com seus colegas estrangeiros.

Tendo em vista a COP-15, o CYCAN tinha oferecido capacitação a todos os delegados sobre o funcionamento dos debates, a problemática da mudança climática, a coleta de fundos, as relações públicas e a gestão de eventos. Zhan chama à atenção, no entanto, para o

fato de isso não ser suficiente, e é preciso que os jovens recebam treinamento e atualização constantes. Logo que voltou à China, ele foi contratado, em tempo integral, pelo CYCAN.

Fundada em 2007 por sete grupos de jovens chineses, a ONG tem apenas três funcionários assalariados permanentes. A execução de grande parte de sua ação depende dos 51 voluntários que vivem em Beijing e de um núcleo de nove membros, que vivem ou estudam no exterior.

Zhan assumiu a liderança da associação, após uma série de campanhas importantes, em particular a Cúpula Internacional dos Jovens sobre a Energia e a Mudança Climática, organizada em julho de 2010, em Xangai, e um concurso de energia verde, *Great Power Race*, que atraiu mil universidades chinesas, indianas e norte-americanas.

Originário da província costeira de Guangdong, no sul da China, Zhan tinha o hábito de percorrer as galerias de arte da capital, ir ao cinema e ao teatro e jogar bilhar com os amigos depois das aulas. Sua nova agenda profissional não permite mais isso.

O planeta vem antes da moda

Se, ao final de seus estudos, ele tivesse seguido a carreira de *designer*

Zhao Ying, 34 anos, na Expo Xangai 2010, onde fazia a cobertura pela Agência de Notícias *Xinhua*, onde trabalha desde 1999. Atualmente, ela é jornalista na *China Features*, uma seção da *Xinhua*.



© DR

A vida de bicicleta

Um belo dia, de manhã, no início de 2011, um grupo de aproximadamente 30 jovens cerca a avenida Santa Margarita, em Zapopan, município do Estado de Jalisco, no México. Eles instalam uma máquina de pintura de faixas num triciclo de transporte, e pronto! No final da manhã, uma linha branca delimitava a avenida, ao longo de cinco km, com pictogramas de bicicletas desenhados no solo e placas de sinalização presas aos postes.

RUTH PÉREZ LÓPEZ

As fotos são de Gerardo Montes de Oca Valadez, 33 anos, psicólogo e artista gráfico mexicano. Ele é membro da *Ciudad Para Todos*. Para mais informações: <http://gmove.wordpress.com/> e <http://www.flickr.com/photos/gmov/>

Assim que nasceu, a nova ciclovia foi batizada: *Ciclovia Ciudadana* (Ciclovia Cidadã). Seu custo, equivalente a mil dólares, foi pago integralmente pelos jovens, de seus próprios bolsos. Embora traçada sem autorização, ela não permaneceu ilegal por muito tempo. Já no dia seguinte, a Secretaria de Transportes do Estado de Jalisco pronunciou-se a favor da iniciativa, comprometendo-se não somente a aprimorar a pista e a fazer o necessário para que seja respeitada, mas também a oficializar, no futuro, toda iniciativa cidadã desse tipo que estiver em conformidade com o Plano Diretor de Mobilidade Não Motorizada.

Que plano é esse? Para sabê-lo, é preciso voltar ao ano de 2007, em Guadalajara, segunda cidade do México e capital do Estado de Jalisco. Na época, organizou-se um movimento de protesto cidadão contra a transformação da avenida López Mateos em rodovia. Paulina, que vai à universidade de carro, poderia ter encontrado ali um interesse pessoal, mas ela achou que o projeto tinha sido feito sem qualquer acordo da população local e ia de encontro a suas necessidades. Nessa época, ela especializou-se em governança e transparência da ação pública. Quanto a Jesús, estudante de filosofia adepto da bicicleta, ele tinha tudo para

opor-se a um projeto de organização urbana que privilegiasse o uso do automóvel. Hoje, com 24 e 27 anos, respectivamente, eles tornaram-se autênticos especialistas em urbanismo e desenvolvimento sustentável. Expressam-se com profissionalismo, negociam com as autoridades, falam com a mídia. "Foi preciso aprender a debater e expor nossos argumentos face aos responsáveis políticos", declara Jesús. Ainda mais quando seu primeiro protesto em relação à avenida López Mateos não tinha alcançado os resultados desejados. No entanto, outro objetivo foi alcançado, inscrito de maneira duradoura na vida da cidade: o nascimento do movimento cidadão *Ciudad Para Todos* (Cidade para Todos).

Já fazia anos, portanto, que os jovens do *Ciudad Para Todos* tinham iniciado o diálogo com o governo de Jalisco, para convencê-lo da importância de implantar uma rede de ciclovias na zona metropolitana de Guadalajara, que cobre oito municípios, entre os quais Zapopan. O diálogo tinha resultado na elaboração do Plano Diretor de Mobilidade Não Motorizada, documento de cerca de mil páginas, redigido por uma consultoria, com a participação da sociedade civil. A luta parecia ganha, quando chegou ao poder um novo governo, menos sensível ao assunto. Armados de